

UFG

ANO III Nº 23

OUTUBRO / 2008

Jornal UFG







BENEDITO FERREIRA MARQUES\*

#### **EDITORIAL**

## A UFG vive um momento especial

Quem acompanha a vida da Universidade Federal de Goiás, ao longo desses seus 48 anos, certamente não terá dúvida em afirmar - até com justificado ufanismo - que a instituição vive um momento especial em sua auspiciosa trajetória. Sem descuidar-se da tríade a que se destina sob o preceito constitucional de fazer ensino, pesquisa e extensão (art. 207, CF), produz e distribui conhecimento e cultura. Novos cursos nos níveis de graduação e pós-graduação, mais vagas nos processos seletivos, adoção de uma convincente política de inclusão, novas edificações, qualificação cada vez mais acentuada dos seus quadros de servidores docentes e técnico-administrativos, projetos audaciosos, voltados para o presente e para o futuro: a sociedade percebe que as ações em curso têm a marca de transformação. Enfim, uma UFG dinâmica em todos os setores, nos câmpus da capital e do interior, em sintonia com as aspirações sociais e desenvolvimentistas do povo goiano, para o qual se direcionam os seus projetos.

É certo que a atual gestão – sem desmerecer as que a antecederam ao longo da gloriosa caminhada de quase dez lustros – tem procurado imprimir um ritmo forte de trabalho diuturno, buscando, pretensamente, acompanhar a agressiva política desencadeada pelo governo federal, sobretudo na área de educação em seus diferentes níveis. Mas todo esse empenho não encontraria ressonância, se, na linha paralela de cada raia, não estivesse uma equipe valorosa e competente, imbuída dos salutares propósitos que a animam. É perceptível o contágio de compromisso e determinação que se transmite entre os três segmentos que compõem a "Família UFG" e se espalha para a sociedade.

Já se diz, à boca pequena, que a UFG transformou-se num "verdadeiro canteiro de obras"! Muitos até se espantam com tantas edificações em andamento, num momento em que todos falam em crise. Algumas dessas obras são de grande envergadura, como o Centro de Eventos a ser inaugurado em breve, com capacidade para mais de quatro mil lugares. O que muitos não sabem - e é preciso dizer - é que a classe política goiana, numa verdadeira corrente suprapartidária, vem propiciando ajuda substanciosa, com emendas parlamentares, sensibilizada com as reivindicações que lhe são apresentadas pelo primeiro gestor, em suas vitoriosas articulações. Na mesma linha de receptividade, algumas instituições financeiras têm marcado a sua participação com parcerias significativas, a exemplo das fundações de apoio, gerenciadas por professores e equipes competentes e igualmente comprometidas com os destinos da universidade.

Pode-se proclamar, com orgulho sadio, que a UFG vem experimentando um momento especial, preparando-se para o seu cinqüentenário que se avizinha, quase duplicando o seu contingente de estudantes, professores qualificados e servidores.

\*Professor Benedito Ferreira Marques Vice-reitor da Universidade Federal de Goiás

#### CÂMPUS EM FOCO

#### Detalhes da natureza são expostos

Até o dia 7 de novembro toda a g comunidade poderá prestigiar a exposição fotográfica Água e Madeira: ainda as 👸 texturas..., da professora Lisbeth Oliveira, 💆 da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia (Facomb). Contando com 20 fotos, a exposição foi montada na Livraria UFG no pátio da Facomb. A professora lembra que atualmente é comum deixarmos os pequenos detalhes da natureza passarem desapercebidos ou sem receberem a atenção que merecem. Assim, a contribuição da exposição é ajudar os visitantes a enxergar toda essa riqueza de detalhes que muitas vezes está diante dos nosso olhos e nem percebemos.



#### I Congresso Goiano de Educação Ambiental



Com a proposta de discutir os problemas ambientais em face dos desafios globais e locais, fomentar os espaços coletivos de articulação e proporcionar a unificação de agendas, ações e projetos, foi promovido, de 15 a 18 de outubro, o I Congresso Goiano de Educação Ambiental. As tendas foram montadas ao lado do Centro de Convivência do Câmpus Samambaia. O congresso contou com a presença de Raquel Trabjer, co-

ordenadora-geral de Educação Ambiental do Ministério da Educação; Roberto Freire, da Secretaria do Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Estado de Goiás; Ari Soares superintendente do Ibama em Goiás; Edvânia Brás, coordenadora de Desenvolvimento e Avaliação da Secretaria de Educação do Estado; Mirene Xavier, gerente de Educação Ambiental da Agência Municipal do Meio Ambiente (Amma) e o reitor da UFG, Edward Madureira Brasil.

## Escola de Veterinária incentiva campanha de doação de medula óssea

A Escola de Veterinária (EV) da Universidade Federal de Goiás (UFG) participou de campanha para o incentivo à doação de 👸 medula óssea e recebeu a equipe do Hemocentro no dia 16 de outubro, das 8h30 às 🖔 16h, para colher amostras de sangue e realizar cadastro de novos possíveis doadores. Foram colhidas amostras de 5 ml de sangue, de cada pessoa que se cadastrou para fazer o teste de compatibilidade. Segundo a professora da EV, Regiane Nascimento, coordenadora da iniciativa, no caso de coleta, a medula se regenera em dez dias e não há perigo para o doador. Mesmo horas antes do término do prazo, 464 pessoas de diversas unidades da UFG já haviam comparecido à EV e Regiane esperava atingir a meta de cadastrar 500 novos doadores.



Jornal UFG

Publicação da Assessoria de Comunicação da Universidade Federal de Goiás ANO III – N° 23 – OUTUBRO 2008

ASCOM – Reitoria da UFG – Câmpus Samambaia C.P.: 131 – CEP 74001-970 – Goiânia – GO Tel.: (62) 3521-1310 /3521-1311 – Fax: (62) 3521-1169 www.ufg.br – imprensa@reitoria.ufg.br – www.ascom.ufg.br Universidade – Reitor: Edward Madureira Brasil; Vice-reitor: Benedito Ferreira Marques; Pró-reitora de Graduação: Sandramara Matias Chaves; Pró-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação: Divina das Dores de Paula Cardoso; Pró-reitor de Extensão e Cultura: Anselmo Pessoa Neto; Pró-reitor de Administração e Finanças: Orlando Afonso Valle do Amaral; Pró-reitor de Desenvolvimento Institucional e Recursos Humanos: Jeblin Antônio Abraão; Pró-reitor de Assuntos da Comunidade Universitária: Ernando Melo Filizzola.

Jornal UFG – Assessora de imprensa e editora-geral: Silvana Coleta S. Pereira; Editora assistente: Michele Ferreira Martins; Conselho Editorial: Angelita Pereira, Goiamérico Felício Santos, Maria das Graças Castro, Silvana Coleta Santos Pereira, Venerando Ribeiro de Campos, Mercês Pietsch Cunha Mendonça; Suplentes: Valéria Maria Soledade de Almeida e Ellen Synthia Fernandes de Oliveira; Revisão: Ana Paula Ribeiro e Maria José Soares; Projeto gráfico e editoração eletrônica: Cleomar Gomes Nogueira; Fotografia: Carlos Siqueira; Equipe administrativa: Amália Magalhães e Leny Borges. Bolsistas: Allan Kardec Braga (design gráfico); Vinícius Batista (fotografia) e Ana Paula Vieira, Caroline Pires, Gisele Pimenta, Lutiane Portílho, e Rodrigo Vilela (Jornalismo).

Impressão: Centro Editorial e Gráfico da UFG (Cegraf)

Vinícius Batista

## Dilemas e desafios do jornalismo reunidos em livro

**Entrevista: Lourival Sant'anna** por Ana Paula Vieira

raduado em Jornalismo pela Universidade Fede-ral de Goiás em 1986, Lourival Sant'anna foi para São Paulo, trabalhou na Agência Folha por um ano e, em 1990, entrou na prestigiada Editoria Internacional do jornal O Estado de S. Paulo, em que permanece até hoje. Seu segundo livro, O destino do jornal, editado pela Record, é resultado de sua dissertação de mestrado, apresentada à Universidade de São Paulo (USP) em 2007. Seus 18 anos de carreira, principalmente a experiência de um ano como editor-chefe do Estadão, provocaram as reflexões que o levaram ao livro. Estão reunidas na obra opiniões de editores dos três maiores jornais do país sobre o futuro do jornal impresso: Rodolfo Fernandes, de O Globo, Otavio Frias Filho, da Folha de S. Paulo, e Sandro Vaia, que foi diretor de redação de O Estado de S. Paulo até outubro de 2006. No dia 26 de setembro, Lourival esteve na Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia (Facomb) da UFG para lançar o livro. Falou da carreira, das mudanças pelas quais o jornal precisa passar e de como ele será no futuro.

#### Por que escolheu o Jornalismo?

Porque achei que era uma profissão em que você é pago para fazer coisas muito prazerosas, que normalmente se paga para fazer, como viajar. Você conhece outras pessoas, sacia sua curiosidade intelectual e ainda ganha dinheiro para fazer isso. Então, eu achei que era a profissão perfeita. No início, eu pensei em ser fotógrafo, mas depois percebi que não tinha talento suficiente e também achei que o texto dá algumas oportunidades dentro daquilo que eu queria fazer. Aqui, no Brasil, quem é de texto tem mais possibilidades de viajar, que era o que eu queria. Por isso fui logo para a Editoria Internacional do Estadão, porque o que eu queria era viajar e ganhar dinheiro para fazer isso.

#### Como foi seu início de carreira? Logo que saiu da UFG conseguiu emprego no *Estadão*?

Lourival Sant'anna – Além de fazer Jornalismo na

UFG, fiz dois anos de Filosofia. Quando peguei o diploma de jornalista, fui fazer um mestrado em Filosofia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Fiquei um ano em Porto Alegre e transferi para a USP. Quando eu estava redigindo a dissertação, me senti muito solitário. O tema era muito específico, especializado, e eu percebi que não gostava desse trabalho solitário. Minha tese era sobre imagem, fotografia e imaginação em Kant, filósofo alemão. Mas estava muito duro de fazer. eu estava muito sozinho. Aí, eu lembrei que era jornalista e fui pedir emprego na Folha de S. Paulo. Fiquei um ano na Agência Folha, trabalhava à noite, um plantão, uma coisa bem de começo mesmo, de quem não é conhecido e não tem experiência nenhuma. Só que nessa época, se você ligava para o Estadão, falando que era da Folha, pedindo emprego, tinha muito mais chance, assim como vice-versa. E eu queria ser da Editoria Internacional do Estadão, que na época era muito prestigiada e até hoje é. O editor era o Ernst Weber, que é alemão. Tinha uma vaga, e ele ficou impressionado com o fato de eu falar alemão, idioma que eu tinha estudado por causa da Filosofia. Aí, eu consegui esse emprego.

#### Foi a partir da sua experiência no *Estadão* que surgiu a idéia de pesquisar o destino do jornal?

Lourival Sant'anna – Sim, principalmente da experiência que eu tive, de um ano, como editor-chefe, quando participei muito dos dilemas que descrevo

"Pode ser que nos tornemos importantes, mais importantes do que já somos."

neste livro – os dilemas da distribuição do jornal, os caprichos de jornalistas – e percebi que o jornal tem esse problema de ter valores intangíveis, difíceis de traduzir para os valores da contabilidade, da empresa. Então, esse é um dos enfoques. O outro é o que vai acontecer com o jornal mesmo, que é uma pergunta que todos nós nos fazemos, em todas as redações.



Você afirmou que o jornal faz bem análise, interpretação, investigação. Como essas características podem influenciar a formação dos jornalistas?

Lourival Sant'anna – É por isso que eu lanço o livro nas universidades, porque eu acho que uma das coisas importantes é pensar sobre a formação do jornalista brasileiro, porque as redações, assim como as universidades, continuam fazendo aquilo que tem dado certo ao longo das últimas décadas, mas que não vai mais dar certo. Então, o mercado precisa de profissionais diferentes. Eu acho que a universidade adquire um papel protagonista na formação desse novo profissional. Porque o que mais precisamos ter são as chamadas disci-

> plinas básicas do Jornalismo: Sociologia, Economia, História, Português, gente que saiba escrever. O curso de Jornalismo sempre foi melhor nessas disciplinas básicas do que nas disciplinas

avançadas, porque a universidade tem uma certa demora em assimilar as novas tecnologias do mercado. Mas eu acho que a universidade não deveria se preocupar com as novas tecnologias do mercado porque as empresas transmitem isso para seus novos funcionários. Todas as grandes empresas já têm os seus cursos e as tecnologias são apenas rotinas facilmente adquiridas. O impor-

tante é a base ética, humanista, científica e lógica dos jornalistas. Eles têm de saber pensar e saber o que aconteceu no mundo antes de eles terem vindo à luz. É disso que nós precisamos. O resto transmite-se para eles: a tecnologia e a cultura da empresa. Mas eles têm de ter uma base ética também. Seria bom se eles já pudessem chegar com essa base, entendendo que o papel deles não vai ser só transcrever declarações. Eles vão ter de saber contar histórias, saber entender o que aconteceu e por que aconteceu.

## Concretizadas as mudanças nos jornais impressos, como a sociedade pode ganhar com isso?

Lourival Sant'anna - Eu acho simplesmente que o que está em jogo são os valores do Jornalismo, a começar pela credibilidade, independência, isenção, que não são absolutos. Não se consegue ser perfeitamente isento ou perfeitamente independente. Mas eu acho que nós temos de ter em mente que esses são princípios reguladores do nosso trabalho. Temos de tentar isso, tentar sempre, tendo consciência de que não vamos conseguir. Então, existem dois extremos: o cinismo total, achar que não vai conseguir ser independente e isento, portanto não ser independente e isento. E o outro extremo, que é a ingenuidade total, achar que é independente e isento. As duas coisas são perigosas. Temos de Lançamento do livro na UFG como aposta na formação de um novo perfil de jornalista 3

tentar ser, sabendo que não é. Essa é a condição do jornalista.

Com esse destino fatídico dos jornais, com gurus prevendo seu fim para daqui a cinco anos, o que você diria para os estudantes, ou jovens jornalistas com vontade de enveredar pelo impresso?

Lourival Sant'anna -Essa é uma pergunta difícil. Eu não sei o que faria se tivesse vinte anos de idade. Mas a última coisa que coloquei na conclusão do meu trabalho é que pode ser que nós tenhamos um papel importante de pôr ordem nesse caos. Pode ser que nos tornemos importantes, mais importantes do que já somos. Então, baseado nessa aposta, acho que quem realmente gosta do texto escrito, de tentar dar sentido às coisas, entender o sentido das coisas, não deveria desistir disso. Deve ler muito e lembrar-se de quatro atributos que são básicos em um jornalista: a curiosidade, a sensibilidade, a humildade e a honestidade. Esses quatro atributos estão vinculados a um único objetivo, que é preocupar-se com o outro, tentar entender o mundo, entender o outro, esquecer-se um pouco de si mesmo. Aí é que está a graça do jornalismo: você ter a oportunidade de esquecer um pouco de você e se concentrar no outro, tentar entender o outro, tentar entender o mundo, e isso é prazeroso. Esse é um perfil, é um tipo de gente. Algumas pessoas vão considerar que seu mundo interior é mais interessante do que o mundo externo; isso é legítimo, desde que essa pessoa não se torne jornalista. Jornalista deve ser interessado pelo mundo e deve se esquecer um pouco das suas convicções. O barato de ser jornalista é poder provar que está errado. Perceber que seus preconceitos, suas idéias iniciais, suas convicções eram pobres. Por que isso é prazeroso? Porque você se sente mais rico intelectualmente. Agora, se você já sabe tudo, acho que pode ser um ideólogo, talvez um político, ou um pastor, um pregador. Você pode criar uma seita nova. Isso é bacana, mas não é jornalismo. Ter bandeiras, ter certezas, é legítimo, é um direito de um cidadão, mas não é isso que constitui um jornalista.

4 Jornal UFG EVENTOS Goiânia, outubro 2008

AGRO CENTRO OESTE

# A agricultura familiar sob a perspectiva da parceria e da extensão

A maior feira de negócios e tecnologias rurais do Centro-Oeste celebra sua nona edição, destaca a agricultura familiar e a importância de ações de extensão que contemplem a sociedade

#### Gisele Pimenta

om o slogan "Compartilhando conhecimento, construindo sustentabilidade" e o tema "O desafio na produção sustentável de alimentos", este ano, o Agro Centro Oeste chegou à nona edição. Pela primeira vez, a feira foi realizada no Parque Agropecuário de Goiânia, entre os dias 22 e 26 de outubro - até a edição passada, o evento era realizado no Câmpus Samambaia da Universidade Federal de Goiás (UFG), numa área da Escola de Agronomia.

A organização do evento estimou que cerca de 30 mil pessoas passaram pela pecuária. O público teve a oportunidade de visitar cerca de 200 estandes e participar de uma programação com dez seminários, três minicursos, 11 palestras e cinco oficinas. O Agro Centro Oeste é uma parceria entre a Universidade Federal de Goiás (UFG), o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), a Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (Faeg), a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Goiás (Fetaeg), o governo do estado de Goiás e a Prefeitura de Goiânia, além da participação de outros colaboradores. O evento foi lançado num café-da-manhã para autoridades, parceiros e imprensa, no dia 16 de outubro, no auditório do Sebrae.

**Novidades e destaques –** A mudança do local do Agro Centro Oeste para o Parque Agropecuário de Goiânia este ano foi novidade, mas não a única.

A programação do evento também teve como destaque a novidade do Agro Familiar Fashion, no qual jovens expositores desfilaram e levaram à passarela as tendências da moda rural. O desfile foi organizado pelos alunos do curso de Design de Moda da UFG e da Universo.

As Ligas da Saúde, organizadas pelos alunos de Medicina da UFG, ofereceram palestras e exames gratuitos de mama, pressão arterial, diabetes, função pulmonar e dependência do tabaco. A Agência Municipal do Meio Ambiente (Amma) realizou oficinas com tecidos, garrafas descartáveis e plásticos.

Outra atração da feira foi a Mostra Goiana de Gastronomia, organizada pelo Sebrae com o apoio da Secretaria de Indústria e Comércio (SIC). Durante o evento, vários *chef*s ministraram oficinas com pratos típicos, tradicinais e inusitados.

Os minicursos, palestaras e seminários foram voltados, em maior número, para as demandas oriundas da agricultura familiar. Produção e mercado de leite, manejo de pastagens, criação de animais silvestres e exóticos, produção de frutas e plantas medicinais, foram alguns do temas discutidos nesta edição da feira.

Histórico – Até o início da década, a maior parte das tecnologias, dos equipamentos e dos produtos rurais eram adquiridos em outros estados, principalmente em São Paulo. Em junho de 2000, o jornalista Antônio Pereira e o professor da Escola de Agronomia (EA), Rogério Almeida, apresentaram ao então diretor da EA, Edward Madureira Brasil, o projeto de um evento regional voltado para o agronegócio.

Mas foi depois de uma "conversa de aeroporto" que a feira se concretizou. "Depois do projeto apresentado, nós precisávamos de parceiros. Na época, falei, por telefone, com o secretário da Fazenda, Jales Fontoura. Depois, por coincidência, o presidente da Faeg, João Bosco, o presidente do Sebrae, Carlos Alberto

dos Santos, e o secretário da Agricultura, Leonardo Vilela, estavam no aeroporto de Goiânia, embarcando para Brasília. Conversamos e saímos dali com a responsabilidade de fazer o evento em três meses", relatou o reitor.

O termo parceria, aliás, sempre foi o grande diferencial do Agro Centro Oeste. O reitor da UFG – e coordenador da edição inaugural da feira – apontou a consolidação das parcerias como o ponto-chave do sucesso do evento. "O Agro é um exemplo de trabalho em equipe. Cada um coloca a força que tem, seja dinheiro, trabalho ou infra-estrutura", afirmou o reitor.

Agricultura Familiar – A professora da Escola de Agronomia e coordenadora-geral do Agro Centro Oeste, Giselle Ottoni, explicou que a feira surgiu, em 2000, com o nome de Agro Centro Show, como um evento do ramo do agronegócio. "O foco para o agronegócio permaneceu até a quarta edição do evento. Na quinta edi-

ção, em 2005, a feira foi efetivamente direcionada para a agricultura familiar", relatou a professora. Giselle Ottoni ressaltou

Giselle Ottoni ressaltou que a mudança do foco para a agricultura familiar foi natural, porque "o pequeno agricultor não estava sendo contemplado pelo evento. Não havia feiras para a comercialização de equipamentos próprios para o segmento, muito menos algo que promovesse transferência de tecnologia, de conhecimento e que, de fato, beneficiasse os agricultores familiares".

Para o produtor rural, Pietro Quadri, as trocas de experiências e conhecimentos no Agro Centro Oeste são fundamentais, porém, o mais importante é a feira levar o tema da agricultura familiar para a sociedade. "No Agro Centro Oeste, a sociedade entra em contato direto com os produtores e reconhece o verdadeiro valor da produção familiar. Somos nós os responsáveis por 70% da alimentação dos brasileiros e as pessoas precisam entender o significado disso", reiterou Pietro Quadri.

A professora Giselle Ottoni enfatiza que "trazer esses agricultores para dentro da universidade é trazer a troca de conhecimento e de experiências, é fortalecer as ações de extensão e, dessa forma, enriquecer o ambiente acadêmico"

O reitor da UFG, Edward Madureira Brasil, reforça o enfoque na agricultura familiar, mas explica que, hoje, a feira representa mais do que isso. "O Agro possui atividades culturais, sociais e outras vertentes da vida no campo que transcendem o setor agropecuário. Para a UFG, o evento cumpre o papel de extensão no sentido amplo e exato da palavra: a universidade interagindo com a sociedade, aprendendo com as demandas e contribuindo para melhorar a vida das pessoas", destacou.









## PROCESSO SELETIVO

CENTRO DE SELEÇÃO

2009-1

Novidades geram aumento de inscrições

O UFGInclui e as novas opções de cursos incentivaram a participação de mais candidatos no vestibular

#### **Caroline Pires**

processo seletivo 2009-1 da UFG recebeu três mil inscrições a mais que o vestibular do ano passado, saltando de 28 mil para mais de 31 mil inscritos. Segundo a professora Luciana Freire, presidente do Centro de Seleção, esse aumento é creditado ao programa UF-GInclui, aprovado em agosto deste ano, e aos novos cursos. O programa implantou a reserva de 20% das vagas para estudantes da rede pública, negros, indígenas e negros quilombolas no processo seletivo. O UFGInclui foi implantado após várias discussões entre professores, estudantes e sociedade em geral, partindo do pressuposto de que a universidade deveria colocar em prática políticas favoráveis à inclusão social que permitissem o acesso igualitário à educação superior pública. O resultado da medida é perceptível não só no número de candidatos, mas também na concorrência dos cursos.

Para o vestibular 2009-1 foram ofertadas 5.174 vagas de graduação distribuídas pelos câmpus de Goiânia, Catalão, Jataí e Cidade de Goiás. Um total de 1.211 vagas a mais do que 2008. No dia 21 de outubro, o Centro de Seleção divulgou o quantitativo de candidatos inscritos por vaga, para o processo seletivo 2009-1. Os cursos mais concorridos em Goiânia, foram Medicina (38,87), Engenharia Civil (28,38) e Direito no período matutino (23,92). Para o curso de Engenharia Civil a concorrência mais que dobrou, fruto de um salto na quantidade de inscritos comparado com o vestibular



As provas da primeira etapa serão realizadas no dia 23 de novembro, e da segunda etapa, nos dias 14 e 15 de dezembro, pontualmente às 13 horas. Este ano foram criados 22 novos cursos na UFG, sendo 10 no interior do estado. Outra novidade será a realização de processo seletivo para 14 cursos no meio do próximo ano.

**UFGInclui –** O UFGInclui foi implantado depois de pesquisas e debates e definiu que serão destinadas 20% das vagas do processo seletivo da UFG, para estudantes de escolas públicas, indígenas, quilombolas e estudantes de escolas públicas negros. Foram analisados perfis socioeconômicos, tanto dos alunos da graduação como de estudantes do Ensino Médio em Goiás, além do estudo quantitativo de negros, brancos, amarelos, pardos e indígenas do estado. Foram utilizados como fonte de pesquisa, questionários respondidos pelos candidatos na inscrição do vestibular de 2004 a 2008. Tendo como base esses dados, concluiu-se que os negros, incluídos nesse grupo pretos e pardos, são

vados no vestibular da UFG. A pesquisa também mostrou que estudantes que cursaram o ensino médio em escolas públicas procedem, em sua grande maioria, das classes C, D e E. Depois análise, foi definida a reserva de 10% para estudantes oriundos de escolas públicas, e mais 10% para estudantes negros também de escolas públicas. Além da reserva desses 20% das vagas, será criada uma vaga no curso que houver demanda para os estudantes inscritos como quilombolas ou indígenas. Esse percentual será revisado no processo seletivo de 2010 após análise da repercussão alcançada pelo programa.

## UFG Vai à Escola diminui a distância entre estudantes e universidade

Os processos seletivos de universidades públicas são bem concorridos e há alunos que se preparam vários anos para conseguir uma vaga. A concorrência muitas vezes desestimula os alunos realizarem as provas. Com o objetivo de oferecer

todas as informações sobre o vestibular e impedir a criação de mitos sobre o processo, o Centro de Seleção promove o projeto UFG Vai à Escola. A iniciativa inovadora visa aproximar a universidade dos estudantes do ensino médio de todo o estado para incentivar a participação no processo seletivo da UFG.

O esclarecimento sobre o vestibular também é dirigido a diretores, coordenadores e professores. Iniciativa fundamental para a continuidade da distribuição de informações aos alunos, evitando que a desmotivação impeça-os de prestarem o vestibular. O projeto ocorre durante todo o ano, por meio de palestras informativas nas próprias escolas, sejam elas instituições públicas, privadas ou conveniadas.

As palestras abordam vários pontos do processo seletivo, levando informações sobre a UFG e todos os cursos oferecidos. É dada uma visão geral sobre o perfil e as habilidades esperadas dos alunos egressos do ensino médio, além de explicitar o processo de elaboração, aplicação e correção das provas. Até outubro 47 escolas foram visitadas em Goiânia e no interior, com mais de seis mil alunos atendidos. Até o fim do ano espera-se que mais de sete mil alunos recebam esclarecimentos sobre o vestibular da UFG. As visitas podem ser agendadas a pedido das escolas no próprio Centro de Seleção, pelo telefone (62) 3521-1830.

#### Curso capacita professores para correção de redações do processo seletivo

Para tornar o processo de correção de redações mais transparente e igualitário, a Pró-reitoria de Graduação e o Centro de Seleção da UFG promoveram, no mês de agosto, o curso "Corrigindo redações na UFG". O objetivo foi a capacitação de professores para a correção de provas do Processo Seletivo 2009, permitindo, assim, a interação entre professores de língua portuguesa das escolas de ensino médio e da universidade. O curso incluiu uma mesa-redonda para discutir gêneros do discurso e a sua transposição para as redações do vestibular. Também foram realizados exercícios de correção de redações individuais em dupla e em grupo, aplicando os critérios pré-definidos. Os mais de 190 professores participantes do curso passaram por treinamento sobre a correção das redações do Processo Seletivo 2009.

## Opção do sistema de ingresso UFGInclui 7.949 Sistema universal 23.464 Total de inscrições 31.458

#### Candidatos inscritos nas categorias do sistema UFGInclui

Alunos de escolas públicas	6.673
Negros de escolas públicas	1.055
Indígenas	25
Quilombolas	28

## **AÇÕES AFIRMATIVAS**

# Debatedores avaliam repercussões e expectativas quanto ao UFG Inclui

O vestibular 2009-1 da UFG representará um marco na história da instituição. A exemplo de outras universidades públicas do país, pela primeira vez, será adotado um programa de aproveitamento das notas do Enem e a reserva de vagas para alunos oriundos da rede pública de ensino, negros, índios e negros quilombolas. Para avaliar as repercussões e expectativas desta novidade, o Jornal UFG trouxe nesta edição da Mesa-Redonda, Joaze Bernardino Costa, professor do programa de pósgraduação em Sociologia da UFG e especialista em Relações Raciais, Marcos Elias Moreira, coordenador de Ensino Médio da Secretaria Estadual de Educação e presidente do Conselho Estadual de Educação de Goiás, Sandramara Matias Chaves, pró-reitora de Graduação da UFG e Luciana Freire, diretora do Centro de Seleção.

Como a Secretaria de Educação, principalmente as escolas de Ensino Médio, receberam a proposta do UF-GInclui. E o movimento negro, como avalia as propostas?

Marcos Elias - Acredito que a educação brasileira nas últimas duas, três décadas, passa por um processo de mudanças significativas. Uma questão positiva é que ampliamos muito o acesso à educação básica particularmente. Isso de um lado, porque, de outro, nós não atingimos o patamar de qualidade de que precisamos. E se nós observarmos esse aspecto, em situações concretas, o aluno quando consegue chegar ao final da educação básica, no geral, depara com uma barreira quase instransponível para quem tem origem em setores que tradicionalmente não tiveram acesso ao processo educativo. Nesse aspecto, me parece altamente positiva a iniciativa da universidade, porque ela contribui para esse conjunto de ações que estão sendo exercitadas pela sociedade, pelos governos, no sentido de assegurar um processo de ampliação da educação para setores da população que foram marginalizados, tanto no acesso ao processo educativo quanto na permanência nele.

Joaze – A aprovação do UFGInclui veio suprir uma grande expectativa da população negra, que, pelas pesquisas históricas, desejava entrar na universidade desde o final da década de 1940. Esse movimento veio crescendo ao longo da história e, na década de 1990, finalmente a questão foi colocada de maneira contundente para as universidades. Então, quando não só a UFG mas diversas universidades do país adotam políticas de ação



afirmativa considerando o fator racial, isso supre uma demanda histórica da população negra brasileira. Quando se abre a perspectiva de entrada dessas pessoas na universidade, apesar dos pesares, nós começamos a cumprir um projeto de nação, que é construir um Brasil para todos. Uma outra dimensão é que o índice definido no UFGInclui ainda ficou muito aquém das expectativas. Porém, somente teremos condições de uma



Joaze Bernardino

avaliação mais concreta após a análise do impacto numérico efetivo da adoção do UF-GInclui, especialmente pela população negra e pela população indígena. Quantos médicos negros teremos ao final

desse processo? Quantos engenheiros negros, indígenas, quantos farmacêuticos indígenas nós teremos? Então, mesmo com um índice baixo, sobretudo se compararmos com outras universidades que definiram índices bem mais elevados, foi uma abertura de porta para pessoas que até então não podiam entrar na universidade.

Como a universidade está se preparando para receber esses estudantes que, com certeza, vão precisar de apoio para permanecer na instituição?

Sandramara - O programa UFGInclui contempla várias ações. Entre elas, está a ampliação do programa de assistência estudantil, dos diferentes tipos de bolsas, contando moradia, alimentação, bolsa permanência e creche. Todas as possibilidades de assistência estudantil da universidade serão ampliadas, considerando agora a implantação do UFGInclui. O programa prevê também a criação de uma comissão indicada pela Câmara de Graduação, composta por coordenadores de curso, representantes estudantis, representantes do movimento negro, representantes da Prograd, que terá o papel de acompanhar os alunos que ingressarem pelo programa, desde o momento da sua matrícula. Detectado algum problema, como dificuldades de aprendizagem ou econômico-financeiras, essa comissão fará um encaminhamento no sentido de minimizá-lo ou de procurar mecanismos para promover a permanência desse estudante. Para além da inclusão, uma grande preocupação nossa é a permanência. De nada adianta criarmos um programa dessa natureza, com tantas ações, se não nos preocuparmos com a permanência desse aluno no curso de graduação. Suscitamos também a idéia de uma pesquisa sobre o programa. Eu iá tenho notícias de que esse projeto de pesquisa está sendo elaborado, de forma que nós tenhamos um estudo longitudinal acompanhando esse aluno para traçar um perfil, as características, a fim de redimensionar o programa a cada ano.

Nós pensamos que a UFG em 2009, deve realizar, seu maior vestibular, em número de inscritos em razão dos cursos novos, das novas vagas e da proposta do UF-GInclui. Como o Centro de

#### Seleção está se preparando para isso?

Luciana - Todo o trabalho que a comissão do UFG Inclui fez, o Centro de Seleção acompanhou para conhecer as dinâmicas da instituição e depois pensar na implementação dessa proposta. Então, desde o momento em que começou a discussão do UFG Inclui, o Centro de Seleção acompanhou, já pensando em como operacionalizar essa proposta. Toda a logística do Centro de Seleção já está sendo encaminhada, com a definição dos locais de realização dessas provas, a necessidade de fiscalização para todo esse grupo e segurança para a realização do processo. Então, a elevação do número de candidatos aumenta proporcionalmente o nosso trabalho, mas estamos planejando-o, de forma a atender, com a mesma qualidade que o processo seletivo da UFG sempre teve. O nosso centro de processamento de dados (CPD), já está pronto para desenvolver o processo seletivo de acordo com a proposta da comissão. Adquirimos novos equipamentos para dar conta dessa quantidade de candidatos. O Centro de Seleção, nesse sentido, está preparado. Foi extremamente importante nós termos acompanhado toda a discussão. Cada decisão que ia sendo tomada repercutia também no Centro de Seleção.

Um exemplo prático: o aproveitamento das provas do Enem muda, certamente, a maneira do processamento. Isso já está programado?

Sandramara – Sim. Nós já temos a fórmula, que consta no edital, de utilização da nota do Enem. Ela está no nosso programa, que já foi testado para processar o resultado do processo seletivo de acordo com essa proposta. Portanto, em relação a isso está bem tranqüilo. A mudança de programas começa com o processo de inscrição porque, para promovê-la, o Centro de Seleção já precisava ter revisto todos os programas que possibilitavam fazer a inscrição por categoria, pois o candidato, agora, vai inscrever-se pelo sistema universal ou pelo UFG Inclui. Na segundo caso, ele vai optar entre estudante proveniente de escola pública ou negro proveniente de escola pública ou indígena ou quilombola. A opção vai conduzilo a determinado questionário, que ele deverá responder. Então, como o Centro de Seleção participou das discussões antes de a comissão fechar sua proposta, já foi se preparando. Até mesmo antes disso, porque nós tínhamos aprovado a concessão de 5.000 isenções de taxas de inscrição para estudantes de escola pública. Posteriormente, houve um ajuste de programas para a inscrição e agora toda essa preparação para utilizar a nota do Enem.

Com relação aos estudantes das escolas públicas e também aos alunos negros, indígenas, quilombolas, vocês acreditam que o programa será uma "injeção de ânimo"? Eles ficarão mais motivados a participar do processo seletivo da UFG?

Marcos Elias - Algumas experiências demonstram que uma parcela dos estudantes de escolas públicas não procura o vestibular das universidades públicas exatamente por considerar que não seria capaz de competir. Quando uma ou outra escola, geralmente de periferia, constrói uma situação em que incentiva o aluno a participar do processo seletivo, o sucesso fica muito acima da expectativa inicial. Essa experiência do UFGInclui abre para esse aluno a perspectiva de ir para o processo seletivo sem o préjulgamento de que ele está fadado ao fracasso. Isso certamente garante um diferencial, porque há um aspecto, evidentemente, psicológico. No geral, esse aluno já considera que está marginalizado. Quebrar o paradigma 'eu não posso participar' é um avanço muito significativo. E há também a construção de expectativas. Na medida em que eu tenho uma expectativa, em que considero ter possibilidade real, evidentemente, vou investir mais nessa possibilidade. Dados têm mostrado que alunos que ingressam no ensino superior em experi-



**Marcos Elias** 

ências desse tipo têm performance igual, se não superior, àqueles que ingressam no sistema tradicional. Portanto, a expectativa é altamente positiva, de uma presença maior dos estudantes das escolas públicas na educação superior, particularmente na Universidade Federal de Goiás.

Joaze - Essencialmente, essa questão passa pela divulgação do UFGInclui para alunos de escola pública, população indígena e negra. Caberia um trabalho de extensão da universidade, com o apoio do governo estadual, do governo municipal, para divulgar o programa nas escolas do estado. Valeria também um maior contado com a Funai, com o Incra, com a Secretaria Especial de Promoção de Políticas de Igualdade Racial e com outros órgãos públicos. Se o programa significa uma "injeção de ânimo"? A questão deve ser "complexificada", no sentido de que a universidade também tem de se apresentar a essas pessoas, que, historicamente, não conseguiram ver a universidade como o seu horizonte de mobilidade social, de projeto pessoal. E os ganhos da universidade em termos de pesquisa, diversidade de pesquisa, potencialmente, são inúmeros. O que seria, por exemplo, a contribuição das várias etnias indígenas no curso de farmácia? Quanto poderíamos ganhar de conhecimento de plantas medicinais? O que seria uma sala de Direito com estudantes negros, quilombolas e indígenas? Qual o peso e qual a relevância disso para o julgamento de processos que envolvam essa população na sociedade brasileira? Portanto, há, sim, essa "injeção de ânimo" nos alunos do Ensino Médio, mas, em termos de potencialidade, há uma "injeção de ânimo" também na própria universidade, que pode se nutrir com essas contribuições.

**Luciana** – Estamos trabalhando com um projeto, a

Pró-reitoria de Graduação e o Centro de Seleção, o "UFG vai à escola", que prevê palestras informativas que incentivam a participação no processo seletivo da UFG. Seu slogan é "Levando informação e diminuindo distâncias". Fizemos uma ampla divulgação desse programa para a Secretaria Estadual de Educação, para a Superintendência do Ensino Médio, além do contato direto com as escolas. Estamos trabalhando desde março deste ano e temos visitas agendadas até dezembro, às vésperas da segunda fase do processo seletivo. Esse trabalho prevê levar todas as informações, apresentar aos alunos o que é a Universidade Federal de Goiás, quais os cursos e em que turno são oferecidos, a diferença entre bacharelado e licenciatura. Fala-se do processo seletivo, como ele é elaborado, quais são as etapas que o compõem, quais são as habilidades e conhecimentos exigidos de um candidato para fazer a primeira etapa e a segunda etapa, como as provas são corrigidas, a prova de redação, como ela é construída, como é corrigida. Ao mesmo tempo foi elaborado um material gráfico sobre o programa UFG Inclui. Esse folder vai para as escolas públicas e é apresentado aos alunos para conhecerem quais são os requisitos para participar desse programa, como ele funciona. Essa é uma forma de fa-



Luciana Freire

cilitar o acesso desse aluno à universidade, de incentivá-lo a participar do processo seletivo da universidade.

#### Esse projeto, agora, será permanente?

Luciana - Sim. O Centro de Seleção e a Prograd faziam esse contato com as escolas de acordo com a demanda, de forma esporádica. Demos uma identidade a esse trabalho criando esse projeto, que tem um bolsista de licenciatura que acompanha e faz

relatórios. Esse programa está sendo realizado também em Catalão, Jataí e Goiás.

Sandramara - A Prograd e, particularmente, o Centro de Seleção têm feito o maior esforço para que o programa chegue às escolas públicas, enviando material, carta para os diretores, estabelecendo relações com a Secretaria de Educação, com os municípios, por intermédio dos câmpus e buscando diferentes maneiras de divulgar essas ações. Fizemos isso com o programa de isenção de taxas, também previsto no UFG Inclui; com o curso Corrigindo Redações na UFG, trazendo professores de



Sandramara Matias

escolas públicas para participar desse curso; com o programa "UFG vai à escola" e agora com o folder divulgando o UFG Inclui. O processo seletivo deste ano é realmente um marco para a universidade, em todos os sentidos, porque estamos implantando o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), criando novos cursos, ampliando vagas, que já é uma forma de inclusão. Considerando o número reduzido de universidades públicas na região UFG dá uma resposta incisiva à sociedade. Embora alguns seguimentos considerem que a proposta de inclusão do UFGInclui ainda é pequena, a UFG começa de uma forma bastante madura, com discussões que foram retomadas e com a ampliação dos segmentos que participaram dessas discussões.

#### E qual é a expectativa de cada um para esse próximo processo seletivo?

Joaze - Acho que a grande expectativa dos setores da população brasileira que lutaram para a implementação de ações afirmativas na UFG e em outras universidades é a seriedade por parte da comunidade acadêmica e

dos gestores de políticas públicas das universidades, no sentido de adotar processos sofisticados de avaliação dos programas de ação afirmativa implantados. Esse programa responde a um anseio muito grande da população brasileira, que quer estar aqui na universidade, e isso não pode ser utilizado simplesmente como algo vinculado a uma personalidade. Esperamos que, um dia, esse exemplo de seriedade de avaliação seja expandido para outros setores educacionais brasileiros, com base nas necessidades de toda a população.

Marcos Elias - Acredito que devamos ter uma expectativa de que as escolas públicas brasileiras tenham condição de oferecer um ensino médio, uma educação básica como um todo, de qualidade. Que o processo educacional assegure de fato oportunidades, não só de acesso ao processo educativo, mas de permanência nele. Parece-me uma grande contribuição projetos como o UFG Inclui, pelo que a Universidade Federal de Goiás, representa, não só para Goiás, mas também para a região Centro-Oeste.

Sandramara - Uma das expectativas da universidade, particularmente da Pró-reitoria de Graduação, ao implantar um programa dessa natureza, é que as razões que motivaram sua implantação possam ser superadas gradativamente. Que tenhamos realmente uma escola pública que cumpra o seu papel formativo, considerando que não temos tantas vagas quanto a demanda, que é grande no estado de Goiás. E a outra expectativa é que a comunidade universitária - professores, técnicos-administrativos e estudantes - receba os alunos que ingressarem por meio do UFG Inclui, reconhecendo a riqueza que essa diversidade vai trazer ao processo formativo da universidade.

Luciana - O Centro de Seleção, como responsável pela realização desse processo seletivo, tem a expectativa de ser capaz de selecionar os candidatos, garantindo a qualidade da avaliação, a qualidade das provas, porque todos os alunos serão avaliados pelos mesmos critérios. Aqueles que entrarem na universidade entrarão por mérito, independentemente de ser pelo UFGInclui ou pelo sistema universal. Que consigamos, por mérito do processo seletivo, contribuir para esse programa.

## A vitrine da produção acadêmica da UFG

A Universidade Federal de Goiás (UFG) realizou, entre os dias 6 e 10 de setembro, o V Congresso de Pesquisa, Ensino e Extensão (Conpeex). A programação do evento reuniu palestras, mesas-redondas, comunicações científicas e atividades culturais envolvendo diversas unidades e órgãos de toda a universidade. A edição deste ano teve como tema principal "A produção do conhecimento e a transformação social".

Realizado anualmente, o objetivo principal do Conpeex é dar visibilidade à produção acadêmica da universidade. Nesta edição o evento recebeu 5.699 inscrições de participantes, enquanto no ano passado foram 4.493. Já para os trabalhos, este ano registrou a inscrição de 524 apresentações orais e 522 de pôsteres, enquanto em 2007 foram apresentados 467 trabalhos orais e 472 pôsteres.

No pátio que separa o Instituto de Ciências Biológicas (ICB) do Instituto de Estudos Socioambientais (IESA), foram montados 25 estandes voltados para as atividades acadêmicas, além de um espaço exclusivo para a campanha de vacinação contra a rubéola, promovida pelo Instituto de Patologia Tropical e Saúde Pública (IPTSP).

## Conhecimento e tecnologia transformando a sociedade

Pró-reitor de
Extensão e Assuntos
Comunitários da
Unicamp, Mohamed
Habib, proferiu
palestra sobre
tecnologia e como
ela pode atuar no
desenvolvimento das
nações

#### Ana Paula Vieira

pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários da Unicamp, Mohamed Ezz El Din Mostafa Habib, proferiu a conferência de abertura do V Congresso de Pesquisa, Ensino e Extensão da UFG (V Conpeex), sobre o tema "Produção do conhecimento e transformação social: desafios e perspectivas". Mohamed afirmou que o conhecimento sempre transforma a sociedade, mas que ela deve estar atenta ao tipo de transformação que deseja.

Para nortear essa busca pela transformação, Mohamed apresentou três princípios básicos. Segundo ele, a informação é a guia para a busca de soluções, o conhecimento, a chave para a tecnologia e a tecnologia, a base para o desenvolvimento. Nesse sentido, ele explicou que o desenvolvimento deve ser aproveitado de forma a alcançar soberanias e tornar as sociedades independentes e autônomas. "Queremos conhecimento que assegure respeito ao ser humano, não como instituição de exclusão", afirmou.

O conferencista explicou que o grau de desenvolvimento da tecnologia está intimamente ligado ao desenvolvimento do país: nos países de alta tecnologia, o índice de desenvolvimento humano (IDH) é alto, nos países em desenvolvimento, o IDH é baixo e nos países subdesenvolvidos, não há relação alguma entre desenvolvimento tecnológico e o IDH. O professor ainda lembrou que, na perspectiva de mundo sustentável prevalente hoje, qualquer tecnologia deve levar em consideração as dimensões ecológica, social, econômica, cultural, política e ética: "Se ferir uma dessas dimensões,



Professor Mohamed Habib "Queremos conhecimento que assegure respeito ao ser humano"

deixa de ser sustentável".

Mohamed Habib afirmou que o monopólio no âmbito intelectual acaba gerando desequilibrios entre os povos, efeitos negativos na educação e na formação de professores e concentração de riquezas. Brasil e Argentina lideraram a "Declaração de Genebra" para a flexibilização dessas normas. Mas a declaração não foi aceita.

Segundo suas informações, 97% das patentes estão nos países centrais, que cor-

respondem a 20% da população mundial. Só os Estados Unidos têm 60% das patentes do planeta. Mohamed Habib alertou sobre a conseqüência dessa concentração: aumento da pobreza e exclusão social nos países periféricos onde estão os recursos naturais que interessam aos países centrais. "Não é essa ciência e tecnologia que queremos, queremos ciência e tecnologia com responsabilidade social", destacou Mo-

Mohamed informou ainda que o Brasil ocupa a 59° posição no ranking de desenvolvimento tecnológico, mesmo sendo a 9º potência econômica e o 70º colocado na classificação pelo IDH. "Esse contraste não pode existir, temos de achar um caminho", afirmou. Ele tachou de estúpidos certos indicadores de desempenho, como a exigência de publicações no exterior. "A culpa não é das universidades, estamos errando nas políticas de ciência e tecnologia", constatou

A fim de equacionar essas desigualdades, Mohamed Habib propõe um sistema que incluiria a criação de um "Fundo de premiação ao inventor", no qual os trabalhos seriam de domínio público. Quem usasse um trabalho, pagaria uma pequena taxa, que retornaria para o fundo, como um imposto. Segundo ele, essa iniciativa garantiria estímulo aos pesquisadores, ganho financeiro, socialização do conhecimento e combate ao monopólio, além de garantir respeito aos direitos humanos.

### Mesa-redonda discute aplicação de pesquisas acadêmicas

#### Caroline Pires e Rodrigo Vilela

Foi com intenção de apontar caminhos para diminuir a distância entre universidade e sociedade que ocorreu a mesa-redonda "Empreendedorismo na universidade", no dia 7 de outubro, dentro das atividades do V Congresso de Pesquisa, Ensino e Extensão (Conpeex), na Universidade Federal de Goiás (UFG), entre os dias 6 e 10 de outubro.

A mesa foi composta pelo coordenador de Transferência Tecnológica da Próreitoria de Pesquisa e Pósgraduação da Universidade Federal de Goiás (PRPPG/ UFG), João Teodoro Pádua, iuntamente com o secretário de Ciência e Tecnologia do Estado de Goiás (SECTEC), Joel Braga Filho, a assessora da Fundação Centro de Análise, Pesquisa e Inovação Tecnológica e líder do Núcleo de Propriedade Intelectual e Inovação (Nupi/Fucapi), Francisca Dantas Lima, e a gerente de Inovação e Transferência de Tecnologia do Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico da Universidade de Brasília (CDT/UNB), Rosângela Ribeiro. O principal enfoque da mesa foi a, ainda pouco divulgada, Lei 10.973, chamada lei de inovação, de 2 de dezembro de 2004. Essa lei permite a possibilidade de maior

prática de incentivo à inovação e à pesquisa científica.

Rosângela Ribeiro ressaltou que "só podemos considerar que houve uma inovação tecnológica quando o resultado da pesquisa chega ao mercado". E é justamente para permitir a criação do elo entre pesquisadores e mercado que existem no país 88 Núcleos de Inovação Tecnológica (NIT), número que pode aumentar à medida que surgem projetos possíveis de serem implantados.

No caso da UFG, o projeto passa pela análise da PR-PPG. Se aprovado, é possível que se firme uma parceria entre a universidade e uma empresa interessada em aplicar

os resultados das pesquisas. "Para garantir a inovação da pesquisa é preciso que se dê entrada com o pedido de depósito de patentes, que, apesar de ser um processo demorado, permite que a universidade e a empresa parceira recebam o retorno financeiro da produção, cada um de maneira proporcional ao seu investimento", explica Francisca Dantas.

Francisca lembrou que a Lei 11.487, de 15 de julho de 2007 lei do bem, aprovou incentivos fiscais para empresas que aplicarem parte de seu capital em parcerias com a universidade e veio complementar a lei de inovação. "O resultado da entrada desse investimento

é que, além da utilização pela sociedade de produtos que nasceram da pesquisa acadêmica, que só se inicia com recursos públicos, a universidade arrecada dinheiro para a aplicação em mais pesquisa".

Joel Braga Filho lembrou que a Fundação de Amparo a Pesquisa de Goiás (Fapeg) financia 312 projetos no estado, e que deve ser interesse de todos os universitários a dedicação à pesquisa acadêmica. O secretário mencionou, ainda, a criação do Centro de Tecnologia de Goiás, que incluirá o Parque Tecnológico e a Cidade Tecnológica, um projeto do estado em parceria com a UFG.

## Um olhar sobre a educação infantil

ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

Mesa-redonda aborda a educação da infância em Goiás

#### Ana Paula Vieira

entro da programação do V Congresso de Pesquisa, Ensino e Extensão da UFG (Conpeex), professores integrantes do Grupo de Estudos e Pesquisas da Infância e sua Educação em Diferentes Contextos, Ivone Garcia Barbosa e Nancy Nonato de Lima Alves, da Faculdade de Educação (FE) e Marcos Antonio Soares, da Faculdade de Artes Visuais (FAV), discutiram, em mesaredonda, o tema "Educação da infância em Goiás: contribuições da pesquisa".

A professora Ivone Garcia apresentou parte da sua pesquisa "Políticas públicas para a educação da infância em Goiás: histórias, concepções, projetos e práticas", que desenvolve desde 2003. A pesquisadora trata de temas como história da educação da infância em Goiás, gênero e etnia, formação de professores, aprendizagem e desenvolvimento, políticas públicas.

Ivone afirmou que o desafio das pesquisas é construir um novo olhar sobre o processo educativo da infância no estado de Goiás. Ela esclarece que a educação da infância ocorre em diferentes contextos, como creches, pré-escolas, escolas, brinquedotecas, parques infantis, abrigos e orfanatos. Além disso, em Goiás, segundo Ivone, essa pesquisa encontra dificuldade pelo fato de muitas regiões não terem documentação alguma sobre a história da educação. "Pesquisar a criança, a constituição da infância, leva a uma série de desafios. Não podemos simplesmente analisar a crianca apartada da família, que exerce uma influência muito grande", destacou Ivone Garcia.

A professora Nancy Nonato, para falar sobre a figura



Especialistas analisaram a educação infantil em diferentes contextos

da coordenadora pedagógica, destacou um fragmento da sua tese de doutorado Coordenação pedagógica na educação infantil: trabalho e identidade profissional na Rede Municipal de Ensino de Goiânia, defendida na UFG ano passado. Nancy investigou quem são essas coordenadoras e se há alguma identidade profissional. A professora percebeu questões como a feminização do magistério, dupla jornada de trabalho e busca de formação e qualidade profissional.

Nancy ressaltou que, no caso dessas coordenadoras, há uma aprendizagem do trabalho na própria atuação, sem fundamentação teórica e epistemológica. A professora alertou: "Aprendizagem pela prática sempre vai ocorrer, mas não pode ser praticista". Segundo informa, as coordenadoras pedagógicas mostram dinamismo, mesmo com a multiplicidade de tarefas e a complexidade do seu papel.

O professor Marcos Antonio Soares apresentou parte da pesquisa "Entre sombras e flores: continuidades e rupturas na educação estética de devotos-artistas dos Santos Reis". Marcos pesquisou grupos de Folia-de-Reis que atuam nos bairros Jardim Primavera e Jardim das Aroeiras, em Goiânia. E ressaltou que a área de artes ainda é periférica nas escolas, apesar da relevância e do papel social da formação artística.

Sobre a educação no contexto das folias-de-reis, o professor explicou que elas envolvem uma culturalidade e historicidade que lhes conferem um caráter formativo, porém diferente do contexto educacional formal. Segundo Marcos, a folia tem seu tempo, necessita de saber especializado, elaborado e sistemático: "Para saber folia, precisa estudar", destacou.

### Formar formadores: o desafio das universidades

#### Gisele Pimenta

A professora da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Helena Lopes de Freitas, o professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Júlio Diniz, e o professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFFRJ), Marcelo Bairral, participaram da mesa-redonda "Formação de formadores", do V Conpeex, realizada no Auditório da Faculdade de Letras, no Câmpus Samambaia, no dia 8 de outubro. O coordenador de Licenciaturas, professor Ivanilton José de Oliveira, ligado à Pró-reitoria de Graduação da Universidade Federal

de Goiás (Prograd-UFG) mediou as

resgate do papel do conhecimento foi um dos pontos mais ressaltados na discussão, aberta pela

discussões.

professora Helena

Lopes de Freitas. Para ela, o ambiente universitário precisa ser transformado, recuperando-se as concepções sócio-históricas de formação na licenciatura. "É necessário que o projeto edu-

cativo seja articulado a um projeto de desenvolvimento social e que as universidades se aproximem das escolas públicas de educação básica", reforça a professora da Uni-

Helena Lopes de Freitas reconhece que os desafios para a formação de formadores são muitos e por isso o trabalho precisa ser intenso e contínuo. "Valorizar a docência nas licenciaturas, criar políticas de Estado para o tema, articular os programas de formação nas instituições de ensino superior (IES), alterar as bases da educação escolar, regular o setor privado e centralizar a temática nas escolas públicas são alguns dos passos que precisam ser seguidos", reforça a professora.

Júlio Diniz explicou que, depois da institucionalização do ensino, da pesquisa

e da extensão, pós-reforma universitária de 1968, houve um processo de valorização da pesquisa em detrimento das demais áreas.

A saída proposta pelo professor da UFMG está na indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Júlio Diniz argumenta que "a pesquisa é essencial na formação dos professores e na formação dos formadores, mas a universidade não é apenas uma instituição de pesquisa."

Marcelo Bairral lembrou que o conhecimento profissional do professor deve ser visto como um conjunto inseparável dos contextos e atividades nos quais se desenvolvem.

#### Dança, música e teatro enriquecem o Conpeex

#### Gisele Pimenta

O V Conpeex reservou espaço para manifestações culturais. Além de palestras, mesas-redondas, apresentação de pôsteres e da exposição de produtos e serviços em estandes, o evento foi palco para apresentações de dança, música e teatro, que deram o toque cultural à programação do evento.

A primeira apresentação foi do Coro de Câmara da Escola de Música e Artes Cênicas (Emac) da UFG, no auditório da unidade, no dia 7 de outubro. Composto por estudantes da UFG e regido pela professora Joana Azevedo, o coro apresentou um repertório com peças de cinco compositores eruditos, entre eles, Bach, Hindemith e Henrique de Curitiba, que foi professor da Emac e faleceu este ano.

A dança marcou o ritmo no segundo dia com apresentações do grupo de pesquisa e performance da Faculdade de Educação Física da UFG (FEF), da Contato Cia de Dança, do grupo experimental ¿Por Quá? e do Quasar Jovem. O grupo de teatro formado por alunos da Emac também participou da programação cultural do dia 8 de outubro, no pátio da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da UFG (Facomb).

No dia dia 9 a música retornou com o grupo Instrumental da Emac, com o coral do Centro de Tradição e Cultura de Goiás (CTCG) e com o grupo Vida Seca. A contadora de história Glorinha Fulustreka completou as apresentações do último dia cultural, também no pátio da Facomb.

O professor Anselmo Pessoa Neto, pró-reitor de Extensão e Cultura e coordenador dos eventos culturais do Conpeex, destacou que "as apresentações dentro da uni-



Grupo ¿Por Quá? em performance no palco montado em frente à Facomb

versidade são um espaço para os grupos mostrarem os trabalhos e trazem enriquecimento cultural a estudantes, profes-

sores e servidores. O Conpeex é um evento de pesquisa, ensino e extensão, mas a cultura é parte integrante desse tripé".

## História em quadrinhos como recurso didático

Aluno do Programa Bolsas de Licenciatura da UFG cria gibi que explica os fenômenos da física de modo interativo

#### Rodrigo Vilela

Instituto de Física (IF) da Universidade Federal de Goiás (UFG), com o incentivo do Programa Bolsas de Licenciatura (Prolicen) da Pró-reitoria de Graduação (Prograd), criou uma revista de história em quadrinhos (HQ), o gibi Mazim e sua turma. Coordenou a iniciativa o professor Wagner Wilson Furtado e a produção foi feita pelo bolsista Francisco Fernandes Soares Neto, ambos do IF. O objetivo foi explicar as fases da Lua a alunos do Ensino Fundamental.

De acordo com a pes-

quisa "Retrato da Escola 2", realizada em dez estados brasileiros pela Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), alunos que lêem gibi têm melhor desempenho escolar que alunos que usam somente os livros didáticos. O estudo mostrou, também, que, entre estudantes de 5° ano da rede pública, a HQ eleva significativamente o aproveitamento dos alunos. Além disso, os resultados indicaram que os professores que lêem quadrinhos obtêm melhor retorno dos alunos, uma vez que as HQs lhes proporcionam maior proximidade com o universo dos estudantes, tornando mais natural a relação professoraluno e permitindo o uso de exemplos desse universo como ferramenta de aprendizagem

em sala de aula. Com a disponibilidade de bolsa oferecida pela Prograd da UFG, Francisco propôs ao seu professor de Prática do Ensino, Wagner Wilson, o uso da HQ como recurso para incentivar o ensino. "A proposta foi executar algo original, com uma abordagem inovadora, com um grande potencial como catalisador na comunicação entre os jovens e a Física", explica Francisco.

A pesquisa foi desenvolvida entre 2007 e 2008. Participaram dela 48 alunos,



na faixa etária de 10 a 12 anos, de duas turmas do 6º ano e de duas do 7°, separadamente (respectivamente, 5<sup>a</sup> e 6<sup>a</sup> séries da antiga seriação do Ensino Fundamental). O planejamento e o desenvolvimento de todas as atividades foram adequados às necessidades e características da faixa etária do grupo a que se destina o trabalho.

A idéia central foi trabalhar os fenômenos físicos de uma maneira mais interativa e divertida. "Os alunos têm certa dificuldade para aprender Física; acham que é uma matéria complicada", afirma o professor Wagner. O gibi foi empregado na introdução do tema, cuja compreensão foi aprimorada por outro meio didático, um modelo tridimensional construído com bolas de isopor para representar o sistema Sol-Terra-Lua, com o objetivo de facilitar a visualização da formação das fases da Lua. A



história em quadrinhos motivou o início do estudo, pois promoveu uma importante conexão com o modelo físico do sistema solar e foi fundamental para embasar as explicações dadas pelos alunos ao fenômeno.

Definido o tema, fases da Lua, foram criados os personagens que deram o contexto para o desenvolvimento do enredo da história em quadrinhos. Iniciou-se, então, o processo de produção: os quadrinhos foram desenhados à mão livre e depois digitalizados e colorizados por computador. "Tivemos de ter o cuidado com a linguagem utilizada e com os conceitos científicos do tema abordado, pois tinham de ser

adequados ao público-alvo", destaca professor Wagner.

em Pesquisa (CoEP) da UFG e, por envolver a participação de menores de 18 anos, foi elaborado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, aprovado pelo CoEP, para colher a autorização dos pais ou responsáveis pelos alunos que se interessassem em participar. A pesquisa foi aplicada no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da UFG - Cepae (antigo Colégio de Aplicação).

Os alunos receberam o gibi dois dias antes da aplicação da pesquisa para que o lessem em horário extraclasse. No dia combinado, e em horário normal de aula, foram formados grupos de dois ou três alunos, para que explicassem o fenômeno uns para os outros. Depois, os grupos dirigiam-se à frente da sala, um por vez, e explicaram o que haviam compreendido com a leitura do gibi. Nessa etapa, os alunos podiam utilizar o modelo fisico do sistema Sol-Terra-Lua para explicar as fases da Lua aos seus colegas. "A utilização desse modelo foi fundamental na demonstração do grau de entendimento do fenômeno", conclui Wagner.

É importante ressaltar que "o gibi não veio apenas como divulgação científica. É uma importante ferramenta de ensino para professores e serve como motivador para os alunos", destacam o professor Wagner e Francisco.

dos permitiu concluir a eficácia da estratégia adotada para explicação do fenômeno, pois todos os alunos demons-

> sitivos", esclarece o professor Wagner. Francisco Fernandes afirmou que o produto despertou o interesse dos alunos. O gibi está em processo de aprovação para o Simpósio Nacional de Ensino de Física, que será realizado

xima HQ está em fase de elaboração e será sobre o tema "Marés". Logo após, serão feitos "A cor do céu" e "Arco-íris", que fecharão o ciclo dos fenô-



## Cepae: 40 anos de qualidade no ensino

O principal campo de estágio para as licenciaturas da UFG comemora seu quadragésimo aniversário

#### Lutiane Portilho

antigo Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Goiás (UFG) completa 40 anos de dedicação ao ensino de qualidade, à formação de professores e à apresentação de propostas inovadoras de ensino. Com esses princípios, o colégio pode ser chamado de escolalaboratório e sua missão tem sido oferecer uma nova abordagem educacional, direcionada para o desenvolvimento de estudantes e docentes.

O Colégio de Aplicação foi criado em 12 de março de 1966, pelo Decreto-Lei nº 9053. Somente em 1968, suas atividades tiveram início no prédio da Faculdade de Educação. Em 1980 ele foi transferido para o Câmpus Samambaia e em 1994 passou a se chamar Centro de Pesquisa Aplicada à Educação (Cepae).

O colégio sempre foi conhecido por ser um campo de estágio das licenciaturas da UFG. De acordo com a diretora do Cepae, Maria José Oliveira de Faria Almeida, a escola auxilia não só na formação de professores, por meio dos estágios, como também na qualificação desses profissionais depois de formados, já que no Cepae são oferecidos cursos de especialização. Ela lembra que a primeira especialização na modalidade Educação a Distância (EAD) da universidade, Metodologia de Ensino, é do Cepae e já está na quinta turma. O curso é oferecido em 12 pólos, com possibilidade de expansão para outros estados.

De acordo com Maria José, o Cepae pretende apre sentar um projeto de mestrado na área de Educação Básica à Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG) até o fim do ano. Ela informa que, no mês de fevereiro, terá início um curso de Especialização em língua estrangeira, que abrangerá o estudo de inglês, francês e espanhol, os três idiomas oferecidos no Cepae. "Essa especialização é essencial para a qualificação dos professores, já que nossos alunos saem do colégio com noção básica dessas três línguas", explica Maria José.

O ensino de Filosofia e de Sociologia, que o Cepae oferece aos seus 700 alunos, é um diferencial da escola, de acordo com a diretora. Essas disciplinas eram oferecidas tradicionalmente mesmo antes de sua obrigatoriedade ser determinada pelo Ministério da Educação (MEC). Maria José ressalta como outro diferencial do colégio a reforma do Ensino Médio, que já está no quinto ano. Com essa reforma, quando o aluno ingressa no segundo grau tem de fazer opção por uma área do conhecimento. A diretora explica que o estudante escolhe Humanas, Exatas ou Biológicas e cursa as disciplinas de um núcleo básico, no período matutino, e de um núcleo flexível, que se divide em disciplinas acessórias, optativas e obrigatórias, dependendo da área que ele escolheu. Essa parte flexível do currículo é ministrada no período vespertino, de segunda a quarta-feira.

Maria José ressalta, ainda, que o Cepae oferece matérias diferentes e interdisciplinares que não são oferecidas em outras escolas, como Design Gráfico, Química das Abelhas, Artes, matéria interdisciplinar ministrada por professores de música, teatro e artes plásticas. "São trabalhos que não existem no currículo normal de outras escolas e que dão a possibilidade de o aluno ter uma visão mais ampla de áreas de conhecimento diversas", explica a diretora. Há também o sistema de aulas de reforco no período da tarde. "A lei estabelece que haja recuperação paralela, mas não da maneira que é feita na escola. Aqui o aluno pode vir em outro turno e ter um professor à disposição para tirar suas dúvidas ou aprofundar seus conhecimentos", afirma Maria José.

Ingresso - Quando a escola foi criada, há 40 anos, o aluno entrava por processo seletivo, feito por meio de provas. Depois de alguns anos, houve um programa que resguardava 50% das vagas da escola para filhos de servidores da UFG. Hoje, a forma de ingresso no Cepae é o sorteio de vagas, sem reservas. Dessa forma, segundo Maria José, não existe privilégio para nenhum aluno, seja filho de servidor da universidade ou do próprio Cepae.



Diretora Maria José destaca formação de professores e o espírito questionador dos alunos

O sorteio é realizado na escola, aberto ao público, sob a supervisão de uma equipe que faz a auditoria. "A quantidade de inscritos é alta, chegando a 300 ou 400 candidatos por série, para disputar cinco ou seis vagas", complementa a diretora. Desde o ano passado, as inscrições para o sorteio são feitas *online*, porque o sistema do colégio está integrado ao da UFG.

Infra-estrutura - O Cepae tem hoje 54 protessores etetivos, 29 substitutos e cerca de 120 funcionários. O colégio conta com uma quadra de futebol de salão coberta e outra quadra que é usada como pátio. Além disso, a escola dispõe de uma sala de dança e laboratórios de Química, Física, Informática, Música e Matemática. Maria José informa que está prevista a construção de mais uma quadra e a ampliação do prédio que abriga a primeira fase do Ensino Fundamental.

Maria José, que trabalha no colégio há 14 anos e ocupa há dois o cargo de diretora, diz que a forma de ensino da escola é diferente do que se tem em Goiânia. Após 12 anos de trabalho em outras escolas, ela afirma que no Cepae o aluno tem muita liberdade. "Nossos alunos são muito questionadores e os professores levam o aluno a pensar, a raciocinar, para que ele construa seus próprios conceitos. O estudante discute não só o conteúdo escolar, mas também tudo que o cerca", exalta.

Experiências - Marizete Cordeiro Dantas Ribeiro trabalha na biblioteca do Cepae há mais de 23 anos e conta que seu trabalho é tão prazeroso que gostaria de aposentar-se e voltar a trabalhar no colégio. "É uma troca, uma experiência muito boa. Há horas que eu me assusto, porque pais que foram nossos alunos vêm trazer seus filhos à biblioteca", relata. Ela conta que recebe muito carinho dos alunos do colegio. "E um amor muito grande que eu sinto por esses meninos. Todos os dias um aluno chega aqui na biblioteca para me dar um presente ou pelo menos um beijo", afirma Marizete.

A biblioteca desenvolve trabalhos pedagógicos, como o incentivo à leitura, a contação de história, a escrita de textos e o empréstimo de livros. Os estudantes vão ao local todos os dias, com horário programado, durante 45 minutos.

Beatriz Gomes Borges,

que cursa o sétimo ano, é uma dessas alunas. Estudante do Cepae há quatro anos, conta que o colégio é como uma segunda casa. "O ensino é muito bom e os professores são bem atenciosos. Eu já criei um vínculo com todos aqui", garante. Beatriz, que mora no Bairro Itatiaia, afirma que deseja ficar na escola até o terceiro ano do Ensino Médio e depois prestar vestibular.

11

Comemoração - A programação de aniversário do Cepae incluiu atividades nos dias 30 e 31 de outubro. No primeiro dia, a jornada intitulada "O Cepae e a escola de educação básica: campo de estágio para formação inicial", desenvolvida em parceria com a Pró-reitoria de Graduação (Prograd), trouxe o pesquisador Yves de La Taille, professor titular do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP) que falou sobre a atividade de estágio nos colégios de aplicação.

No segundo dia de comemoração, nouve apresentação de fotografias históricas do Cepae, além de uma exposição de artes plásticas. Uma mesa-redonda formada por alunos, professores e exalunos debateu o tema "Colégio de Aplicação: o passado e o presente construindo o futuro". Na programação cultural, os alunos do primeiro e do segundo ano do Ensino Médio fizeram um show em homenagem a Tom Zé, além de lançar o jornal Abobrinhas não!, coordenado pela professora Carolina Piva.

12 Jornal UFG PARCERIAS Goiânia, outubro 2008

# UFG e Secretaria Estadual de Educação promovem curso de capacitação em Direitos Humanos

CURSO FAZ PARTE DE REDE NACIONAL DE EDUCAÇÃO



#### Ana Paula Vieira

o dia 26 de setembro o salão nobre da Faculdade de Direito recebeu a aula inaugural do curso de "Capacitação de educadores da rede básica em Educação em Direitos Humanos", realizado pela UFG por meio do Programa de Direitos Humanos (PDH), vinculado à Próreitoria de Extensão e Cultura (Proec), em parceria com a Secretaria do Estado de Educação e o Conselho Estadual de Educação.

O curso integra a Rede de Educação em Direitos Humanos (REDH), iniciativa do Fórum de Pró-reitores de Extensão (Forproex), atualmente dirigido pela professora Lúcia de Fátima Guerra, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). A rede, composta por 16 universidades federais, entre elas, a UFG, tem como objetivo desenvolver ações para a implementação de uma cultura de direitos humanos nos sistemas de ensino e na sociedade, por meio da capacitação de educadores e gestores da comunidade escolar, lideranças e profissionais da área de Educação.

A aula inaugural teve a presença do reitor da UFG, Edward Madureira Brasil, da secretária estadual de Educação e ex-reitora da UFG, Milca Severino Pereira, do pró-reitor de Extensão e Cultura da UFG, Anselmo Pessoa Neto, e do coordenador do curso, Ricardo Barbosa. Em relação aos objetivos do curso, o coordenador declarou: "Queremos construir um diagnóstico da educação em direitos humanos, para ter ações mais efetivas, planejadas. Antes de mais nada, é um desafio".

Segundo Ricardo Barbosa, a participação da comunidade universitária da UFG, na REDH, além de ser um desafio, é uma oportunidade de participar da fundação e estruturação da rede Instituições Federais Ensino Superior (IFES) em torno do tema direitos humanos. A inserção nessa rede tem relevância para o PDH-UFG: "Será, sem sombra de dúvida, essa rede que coordenará a implementação do Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (PNEDH) e as políticas públicas transversais que dele fazem parte", almeja Ricardo.



Mesa da aula inaugural: reunião de esforços na implementação de uma cultura de direitos humanos (DH) nos sistemas de ensino.

Para Ricardo Barbosa a missão é combater o senso comum reacionário que vê os DH como ameça fútil

O curso tem carga horária total de 132h, sendo 60h presenciais, divididas em quatro módulos a serem realizados em oito finais de semana, 48h a distância e 24h de atividades práticas. Segundo Anselmo Pessoa, a parceria com a Secretaria Estadual de Educação é fundamental para que a iniciativa, que precisou de muito trabalho nos bastidores, torne-se viável. Foram cerca de 800 inscrições em três semanas, com 450 alunos selecionados.

O reitor da UFG destacou a importância do curso e da integração com a Secretaria de Educação e com os professores: "É esta a universidade que sonhamos: que atenda as demandas da sociedade, dos empresários, dos pesquisadores. Temos trilhado esse caminho. A torre de marfim está-se destruindo; está-se rompendo o muro que separa a universidade da sociedade", comemorou Edward Madureira.

O professor Narbal de Marsilac Fontes, da UFPB, proferiu a primeira aula do módulo 1, sobre os fundamentos histórico-filosóficos dos direitos humanos.

Programa de Direitos Humanos (PDH-UFG) – O PDH-UFG foi lançado em 10 de dezembro de 1999, vinculado à Proec, formado por técnico administrativos e docentes ligados ao Museu Antropológico (MA), Faculdade de Direito (FD), Rádio Universitária (RU), Faculdade de Medicina (FM), Instituto de Patologia Tropical e Saúde Pública (IPTSP) e Núcleo de Estudos da Criança e do Adolescente (Necasa). Atualmente, o programa reúne mais de 20 pesquisadores, entre docentes, técnicos e estudantes, oriundos também do Instituto de Estudos Sócioambientais (Iesa) e da extensão da Cidade de Goiás. Segundo Ricardo Barbosa, o envolvimento desses diferentes órgãos, institutos de pesquisa e centros de ensino da UFG é o que permite ao PDH dar um tratamento, ao mesmo tempo, global e interdisciplinar, à discussão do tema dos direitos humanos.

Ao longo dos seus nove anos, o PDH ofereceu diversas ações de ensino, pesquisa e extensão. Em 2001, prestou assessoria à academia de Polícia Militar do estado de Goiás, no planejamento e apoio acadêmico, para a realização de um curso de Pós-graduação lato sensu de Direitos Humanos, com carga horária de 496h, que atendeu 45 pessoas. O PDH também realizou seis cursos de extensão: "Direitos humanos e cotidiano", em 2001, "Educação em direitos humanos: cultura da paz e cidadania", em 2002, duas turmas, em 2006 e 2007, do curso "Diversidade, direitos humanos e cidadania"

e este ano, os cursos "Gênero, sexualidade e direitos humanos" e "Gênero, sexualidade e combate à homofobia".

No campo da pesquisa, o PDH constitui um laboratório de duas redes goianas de pesquisas da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (Fapeg): Rede Goiana de Pesquisa em Direitos Humanos e Violência Criminalizada (Homicídios) e Rede Goiana de Pesquisa em Diversidade, Direitos Humanos e Cidadania. Neste momento, estão em fase de elaboração o regimento e o estatuto do Núcleo de Pesquisas e Estudos em Direitos Humanos da UFG, que passará a ser, oficialmente um núcleo interunidades.

De acordo com o coordenador do PDH, a criação desse programa também visou articular as atividades que cada unidade ou órgão envolvido já vinha desenvolvendo na área dos direitos humanos: pesquisas, ações de apoio e assistência, participação em conselhos governamentais, programas radiofônicos, publicações. Externamente, Ricardo acredita que o PDH atua na integração de ações de três atores sociais: a comunidade acadêmica, a ação civil organizada e os gestores públicos. Segundo ele, esses são vetores fundamentais na implementação de soluções para os problemas relacionados com os direitos humanos e a violência no Brasil.

Direitos humanos – Ricardo Barbosa define direitos humanos como "a reafirmação da vida em toda a sua diversidade e pluralidade. É se recusar a ser desumanizado por ser ou por se afirmar o que simplesmente é: diverso, mas não desigual; diferente, mas não menos humano". Segundo Ricardo, a própria definição de direitos humanos é fundadora da luta pela implantação de uma cultura de DH.

Ricardo explica que direitos humanos é tudo o que, materializado em demandas e políticas, possibilite e assegure liberdade e igualdade a todos os diferentes e uma vida plena: justa, fraterna, igualitária e livre. Mas, segundo ele, expressões negativas de um desejo condenam qualquer tentativa de transformar as diferenças humanas (de gênero, de sexo, de cor, de pensamento, de credo, de cultura, de língua etc.) em desigualdades, em hierarquias, em discriminações ou em indiferenças. "Na sociedade contemporânea ocidental, esse desejo geralmente é expresso positivamente em um complexo ordenamento jurídico, geralmente coroado por uma Constituição, produzida democraticamente, ou pelo menos, em seu nome", alertou Ricardo.

Porém, Ricardo esclarece que a definição e a luta pelos Direitos Humanos não são tão unânimes assim: "Seriam os DH um conjunto de leis à parte dos ordenamentos jurídicos, criadas para proteger segmentos específicos da sociedade? Não estariam falando de um determinado grupo de militantes que aparecem sempre para defender bandidos e criminosos?" Sobre os questionamentos, ele afirma: "A par de construir essa nossa utopia, tem-se também essa missão: combater esse senso comum reacionário. que vê os DH sempre como uma ameaça fútil ou perversa ao exercício de uma nocão de iustiça como vingança, reduzida ao uso da força, da violência reparadora. Que vê nas injustiças atuais não um motivo de luta de inclusão e de reconhecimento da humanidade do outro, do diferente. Ao contrário, vê mais uma oportunidade de manifestação violenta, uma vontade de higienização e limpeza social, econômica, epistemológica, étnica, racial, sexual."

## Câmpus Jataí em fase de expansão

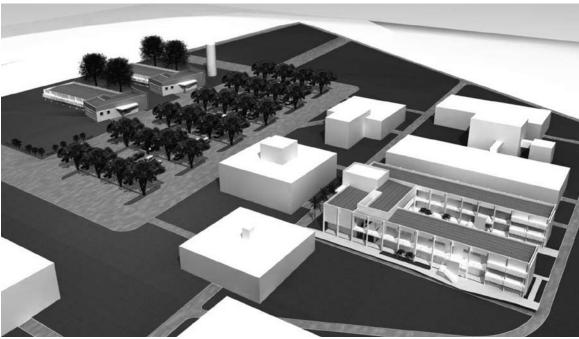
Com investimentos em Infra-estrutura Câmpus Jataí se destaca como a mais importane instituição de ensino siperior do sudoeste goiano

#### Kharen Stecca

té 2010 o Câmpus Jataí (CAJ) estará renovado. As mudanças fazem parte de um amplo projeto de valorização das universidades federais. Em 2009, segundo a diretora Sílvia Correa, deverão ser aplicados mais R\$ 5,6 milhões entre recursos da expansão e do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI).

Algumas instalações da Unidade Jatobá estão praticamente prontas, como a central de aulas, com 18 salas e dois auditórios. As salas têm capacidade para até 70 alunos, já prevendo a expansão das vagas de cursos como Agronomia e Medicina Veterinária. Os alunos também já estão usufruindo dos laboratórios de Anatomia Humana, de Anatomia Animal e de Patologia Clínica.

O prédio da pós-graduação, construído com recursos da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), está concluído e atenderá de imediato ao programa de pós-graduação em Agronomia. Até o fim do ano, a piscina do curso de Educação Física estará concluída. Em 2009, o curso ganhará ainda a instalação das salas de dança,



Maquete da unidade Jatobá do Câmpus Jataí mostra ampliação

de ginástica e de lutas, além dos vestiários. A quadra poliesportiva e a pista de atletismo serão construídas em parceria com a Prefeitura Municipal.

Também têm conclusão prevista para dezembro de 2008 os laboratórios de Ciências Exatas, de Ciências Biológicas e da Saúde. Com a expansão dos cursos, que chegarão a vinte até o ano de 2010, será necessário ampliar os espaços para salas de aulas. Por isso, a direção do CAJ prepara a licitação para a nova central de aulas na Unidade Jatobá, no mesmo padrão da que está sendo concluída.

Serão tomadas providências para a construção do Hospital Veterinário, bem como das instalações para a criação de aves e suínos, em atendimento ao curso de Zootecnia. Também já está em fase de licitação um novo curral para a fazenda da Unidade Jatobá. Ainda em 2009, será construído um barracão para a área de mecanização do curso de Agronomia.

Na Unidade Riachuelo já foi concluída a ampliação das coordenações de curso, da secretaria acadêmica e da biblioteca. Também foi construída uma sala para o protocolo e ampliada a capacidade elétrica do câmpus, com a instalação de um novo transformador. Para 2009 está prevista a construção do Centro de Ciências Humanas, que abrigará

os cursos de licenciatura e de Psicologia, com gabinetes para professores, salas de metodologia e laboratórios de pesquisa, como a clínica-escola do curso de Psicologia.

Sílvia Correa, diretora do CAJ, ressalta a importância dessas obras, não só para os novos cursos, mas também para os já constituídos: "Com a nova estrutura, não só os cursos novos terão condições necessárias para atender os estudantes, mas também os cursos já existentes". Ela destaca também a expansão da pesquisa em Jataí: "Com estrutura física, a pós-graduação ganha um incentivo a mais para se desenvolver na região. O interior precisa desse apoio, para que o desenvolvimento científico não fique restrito à capital", diz ela.

A diretora aponta ainda que a expansão do CAJ aiuda a consolidar a cidade de Jataí como pólo universitário. "Somos hoje, indiscutivelmente, a mais importante instituição de ensino do sudoeste goiano, e essa importância se justifica, não apenas pela grande quantidade de cursos oferecidos, mas principalmente pela qualidade do ensino, pelo interesse que a comunidade tem demonstrado pelos projetos de extensão e pela relevância das pesquisas desenvolvidas por todos os cursos do nosso câmpus."

Mas, além dessas obras, a direção do CAJ tem outros desafios: conseguir verbas para a construção do restaurante universitário na Unidade Jatobá, a construção de centros de convivência em cada unidade, um auditório para a Unidade Riachuelo e a biblioteca central do Câmpus Jataí.

No Câmpus de Jataí funcionam hoje 16 cursos: Agronomia, Biomedicina, Ciências Biológicas, Ciências da Computação, Educação Física, Enfermagem, Física, Geografia, História, Letras, Matemática, Medicina Veterinária, Pedagogia, Psicologia, Química e Zootecnia. No processo seletivo de 2009, dois novos cursos serão oferecidos: Engenharia Florestal e Direito. Para 2010 está prevista a criação de mais dois cursos: Fisioterapia e Artes Visuais, completando, assim, os 20 cursos que deverão funcionar no câmpus.

## IX Jornada do Trabalho movimenta Câmpus Catalão

A IX Jornada do Trabalho trouxe para o Câmpus Catalão (CAC/UFG) três dias de reflexão e debates para estudantes de graduação e pósgraduação do curso de Geografia e representantes de movimentos sociais que discutiram e dialogaram sobre a dinâmica do trabalho e as diversas inserções do trabalhador no circuito produtivo. O evento, realizado no auditório do câmpus, entre os dias 10 e 13 de outubro, foi marcado por mesas-redondas, comunicações de pesquisa e apresentações culturais, além de visitas ao complexo mineroquímico da região, que envolve indústrias, barragens e outros locais da cidade em que o processo de industrialização se encontra bastante intensificado.

A abertura solene do congresso contou com a presença do diretor do CAC/UFG, Manoel Rodrigues Chaves, do chefe de departamento do curso de

Geografia, Idelvone Ferreira, do presidente da Associação dos Geógrafos Brasileiros - seção Catalão, Laurindo Pedrosa, e de representantes do Centro de Estudos de Geografia do Trabalho de São Paulo, da Paraíba e do Paraná. A conferência de abertura foi realizada pela professora da Universidade Estadual Paulista – Câmpus Arara quara, Maria Orlanda Pinassi, que abordou o tema "Dinâmica territorial do trabalho no século XXI: em busca dos sujeitos que podem emancipar a sociedade para além do capital".

Durante sua exposição, Maria Orlanda traçou um rápido panorama da crise estrutural do capital que se abateu sobre o mundo todo no século XX e levantou questionamentos acerca dos movimentos sociais que perderam seu caráter universal e assumiram causas específicas em decorrência da lógica do capitalismo: "Os mo-



Integrantes da mesa diretiva na conferência de abertura da IX Jornada de Trabalho

vimentos sociais dos dias atuais perderam sua objetividade revolucionária e adotaram uma subjetividade individualista", afirmou a professora. Para ela, o grande desafio é construir o novo sujeito histórico da transformação, baseado na universalidade e na coletividade.

Foi essa a primeira vez que o Câmpus Catalão sediou a Jornada do Trabalho. O evento, que acontece há oito anos na Universidade Estadual Paulista e na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), serviu para expandir as atividades de pesquisa na região. Segundo o coordenador do programa de pós-graduação do curso de Geografia do CAC/UFG, Marcelo Rodrigues Mendonça, cerca de 300 pessoas, entre estudantes, pesquisadores e professores participaram do congresso. Além disso, foram apresentados mais de 70 trabalhos. Para o coordenador, sediar um evento

como a Jornada do Trabalho foi muito importante, não só para o CAJ, mas também para toda a região, pois abriu possibilidades para se criar uma rede de pesquisadores envolvendo os estados de Goiás, São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, do Paraná e da Paraíba: "Através dessa rede, será possível realizar um estudo das transformações no mundo do trabalho ocorridas em cada região do país", ressaltou Marcelo Mendonça.

14 Jornal UFG INTERNACIONAL Goiânia, outubro 2008

#### UFG é contemplada em programa de cooperação externa

Pela primeira vez o Programa Erasmus Mundus de Cooperação Externa (Erasmus Mundus External Co-ope-

ration Window – EM ECW) abriu edital para instituições brasileiras. Três consórcios foram aprovados. A UFG integra o Projeto ISAC (Improving Skills Across Continents), liderado pela Universidade de Coimbra.

O EM ECW do qual par-



ticipam também outras universidades européias como as do Minho, de Barcelona, Cambridge, Liège, Leiden, Stuttgart, Trento, e a Universidade Técnica de Praga e a de Técnologia de Lulea é um programa de cooperação e mobilidade na área da educação

superior que tem por objetivo promover um melhor entendimento entre a União Européia de outros países, por meio do intercâmbio de pessoas, conhecimentos e habilidades.

Outras instituições brasileiras também fora contempladas pelo programa,

## Estudante espanhola faz estágio na escola de Veterinária

A UFG recebeu, no dia 29 de setembro, a estudante de graduação da Universidade Autônoma de Barcelona (UAB),



Silvia Lladró Fernandez, que fará estágio no Hospital Veterinário até o final de 2009. A instituição espanhola e a UFG mantêm convênio, coordenado pelo professor Juliano José de Resende Fernandes.

Para recepcioná-la, a Coordenadoria de Assuntos Internacionais (CAI) teve o apoio do estudante da Escola de Veterinária (EV) Luiz Henrique da Silva, que participa do programa Convívio Cultural. Esse programa seleciona membros da comunidade acadêmica da UFG para recepcionar estudantes estrangeiros, propiciando trocas culturais e lingüísticas.

#### Parcerias são discutidas em visita de professor francês

O etnólogo, pesquisador do Centro Nacional Francês de Pesquisa Científica (CNRS) e professor da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (EHESS) de Paris, Denis Laborde, visitou a UFG entre os dias 15 e 17 de setembro.

Denis Laborde reuniuse com professores dos cursos de História e de Música para discutir acordos bilaterais entre as instituições francesas e a UFG. O professor também contatou o Museu Antropológico e a Banda Pequi para possíveis parcerias, além de participar do I Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em História, organizado pela UFG e pela Uni-



Em visita oficial são discutidos acordos bilaterais

versidade Católica de Goiás.

No evento, proferiu as palestras "Música, Antropologia e História I: o som da História – da invenção dos folclores nacionais à fabricação da *world* 

music – a Unesco e a diversidade cultural do mundo" e "Música, Antropologia e História II: ação – mnemotécnica, planificação e engajamento na ação poesia improvisada e jazz".

## Professora recebe bolsa de pesquisa do Canadá

A professora da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia (Facomb) da UFG, Maria Luiza Martins de Mendonça, recebeu bolsa de pesquisa da Embaixada do Canadá e seguiu para Montreal, no dia 18 de setembro. A professora permanecerá por um mês na capital canadense e desenvolverá projeto relacionando mídia e grupos minoritários, junto com

pesquisadores da Université du Quebec à Montreal (UQAM).

Maria Luiza tem visitas de trabalho agendadas na Faculdade de Comunicação da UQAM, no Centro de Documentação de Educação de Adultos e da Condição Feminina e realizará estágio no Centro de Pesquisa sobre Imigração, Etnicidade e Cidadania da instituição canadense.

#### Estudante cubana faz doutorado sanduíche na UFG

O Instituto de Patologia Tropical e Saúde Pública (IPTSP) recebeu a estudante cubana Jenny Etzel Ferrales, para o programa de intercâmbio na modalidade doutorado sanduíche. A estudante veio da Universidad de Granma e permanecerá na UFG de outubro a dezembro de 2008, realizando estudos



sobre tuberculose em búfalos e bovinos.

O intercâmbio integra as ações previstas no convênio firmado entre a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e o Ministério da Educação Superior de Cuba (MES), coordenado pela professora Ana Paula Junqueira Kipnis, do IPTSP.

## Aluna de Direito conquista bolsa para a Universidade de Coimbra

A estudante de Direito da UFG, Marcela de Oliveira Santos, foi contemplada com a bolsa Totta Santander, para a Universidade de Coimbra (UC). Ao todo, foram oferecidas 32 bolsas dessa categoria, no valor de 1.500 euros, das quais 17 destinaram-se a estudantes brasileiros, que farão inter-

câmbio na UC, e 15 contemplam estudantes da UC que virão para o Brasil.

Marcela Santos é participante do Programa de Intercâmbio Internacional da UFG, promovido pela Coordenadoria de Assuntos Internacionais (CAI), e viajará para Portugal em fevereiro de 2009.

## UnB compartilha experiências em Empresa Júnior

#### Lutiane Portilho

No dia 7 de outubro, ocorreu no auditório da Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia (FCHF), a palestra "Programa de Empresa Júnior: a experiência na UnB", proferida pela professora Fernanda Coelho de Oliveira, coordenadora do programa Empresa Júnior da Universidade de Brasília (UnB). A mesa foi coordenada pela pró-reitora de pesquisa e pós-graduação da UFG, professora Divina das Dores de Paula.

O Programa Empresa Júnior (Pró Jr.) da UnB, vinculado ao Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico

(CDT), foi criado em 1993 objetivando apoiar a criação e o desenvolvimento de empresas juniores da universidade, já que a primeira empresa havia sido criada um ano antes, a ED&M Consultoria. Além disso, o programa visa difundir a cultura empreendedora na universidade, preparar os estudantes para a realidade de mercado e incentivar a formação complementar do aluno. De acordo com dados mostrados por Fernanda Coelho, há no Brasil cerca de 1.500 empresários juniores, distribuídos em mais de 600 empresas. Ela explica que a tendência nacional é que esse número cresça, já que no país existem mais empresas



na França, onde elas surgiram. A profes-

juniores do que

A professora afirmou que qualquer estudante de graduação da UnB pode criar uma empresa júnior. Para isso, é necessário formar um grupo de, no mínimo, seis estudantes, elaborar um plano de negócio e o estatuto da empresa,

pedir autorização do chefe de departamento da unidade em que a empresa será alocada. Com esse consentimento, a empresa está apta a ser fundada e a assinatura do convênio com a UnB já pode ser efetuada. Ela conta que, caso os estudantes não saibam elaborar um plano de negócio, o CDT oferece uma disciplina com todas as orientações necessárias para essa elaboração.

Quanto ao faturamento, Fernanda explica que varia de empresa para empresa, dependendo do tipo de serviço que ela

oferece. Algumas faturam R\$ 2 mil enquanto outras chegam a faturar R\$ 100 mil. Ela esclarece que em uma empresa júnior a palavra lucro deve ser abolida, já que é uma entidade sem fins lucrativos e funciona como uma forma de complementação acadêmica, ajudando o estudante a adquirir experiências para entrar no mercado de trabalho.

O essencial para o crescimento desse projeto em qualquer universidade, de acordo com Fernanda, é a troca de conhecimento entre membros de empresas juniores no Brasil todo. Para isso, ela afirma que é de extrema importância a participação dos integrantes da empresa em congressos, feiras e cursos que tenham o empreendedorismo como tema.





FÁBIO LUIZ PARTELLI \*

consumo moderado de café torrado e moído proporciona melhor concentração e aprendizado, inclusive às crianças. Além disso, o café tem propriedades antioxidantes, pode diminuir o colesterol, o risco de infarto do miocárdio e de mal de Parkinson, e é antagonista opióide, o que, também de forma indireta, pode auxiliar na redução do consumo de drogas, e parece contribuir para aumentar o desejo e a potência sexual, segundo estudos

O grão de café contém de 3% a 5% de sais minerais, sendo mais rico nesses elementos do que as bebidas isotônicas, de 10% a 20% de lipídios, de 35% a 55% de açucares; 2,5% de aminoácidos, 0,5% de vitamina do complexo B, de 1% a 2,5% de cafeína e de 7% a 9% de ácidos clorogênicos e outros. Pesquisas indicam que a

### Café faz bem à saúde?

ARTIGO RETOMA A POLÊMICA DO CONSUMO DE CAFÉ

cafeína atua no sistema nervoso central, bloqueando a adenosina, neurotransmissor do sono. Por isso, reduz a sonolência, a apatia e a fadiga, além de favorecer a atividade intelectual do indivíduo, aumentando a capacidade de atenção, concentração e memória. Os níveis e efeitos da cafeína no sangue duram de três a seis horas.

Evidências encontradas em pesquisas recentes sugerem que os ácidos clorogênicos e seus derivados, após a torra moderada (quinídeos, ácido 5-cafeoilquinico, ácido ferúlico, entre outros), atuam como antagonista opióide, que, de forma indireta, pode vir a reduzir problemas de depressão e consumo de drogas. Essas substâncias também atuam como antioxidantes naturais, combatendo os radicais livres.

Diz a lenda (manuscritos do Iêmen, do ano de 575) que o hábito de consumir café começou com os etíopes. O pastor Kaldi observou que as cabras ficavam excitadas ao ingerir os frutos e/ou folhas do café e encorajou o consumo pelas pessoas dos frutos in natura ou na forma macerada

misturados em banha para a refeição. Contudo, coube aos árabes, antes do ano de 575, o domínio das técnicas de plantio e preparação do produto, tornando-se conhecida a infusão por volta do ano 1000, para fins medicinais. A torrefação dos grãos desenvolveu-se no século XVI. Em 1475 surgiu em Constantinopla o primeiro estabelecimento aberto ao público para se tomar café. Veneza foi a porta de entrada do café, na Europa, em 1615, de onde ele se difundiu por todo o mundo.

De tempos em tempos, o café é acusado de causar problemas de saúde; contudo isso nunca foi comprovado. É verdade que grandes doses de cafeína podem provocar ansiedade, insônia, irritabilidade, tremores, náuseas e diarréia, podendo agravar úlceras e duplicar o risco de infarto do miocárdio. Algumas pessoas são mais sensíveis e, mesmo as quantidades recomendadas, podem causar-lhes inquietação, excitação, nervosismo e mal-estar. Estudos sugerem que o consumo pelas crianças de café com ou sem leite pode ser adotado sem temores nos lares e nas escolas, como complemento da merenda escolar.

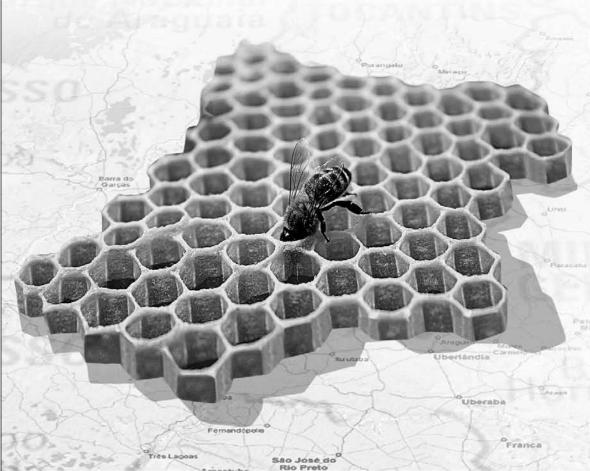
A produção mundial de café, de 110 milhões de sacas, sai

principalmente do Brasil, seguido por Vietnã, Colômbia, Indonésia, Etiópia e Peru. O agronegócio cafeeiro movimenta aproximadamente 100 bilhões de dólares e emprega direta e indiretamente 500 milhões de pessoas em todo o mundo. Os Estados Unidos, seguidos pela Alemanha, Japão, Itália e França, são os majores importadores. Na safra de 2006/2007 a produção brasileira de C. arábica atingiu 33 milhões de sacas e a de C. Canephora, 9,5 milhões, em uma área de 2,15 milhões de hectares com 5,67 bilhões de pés de café. Em 2007 foram exportados pelo Brasil 28 milhões de sacas, o que equivale a 65% da produção nacional e, aproximadamente, a 29% das exportações mundiais do produto.

Doses diárias indicadas para o consumo saudável de café $^{\mathrm{1}}$					
Consumo de café	Início da manhã (6h -7h)	Meio da manhã (10h)	Início da tarde (13h -14h)	Fim da tarde (15h-16h)	
Até 10 anos	50ml	50ml	50ml	50m1	
De 10 a 15 anos	100ml	50ml	100ml	100ml	
De 15 a 20 anos	100ml	150ml	100ml	100ml	
De 20 a 60 anos	150ml	150ml	150ml	150ml	
Mais de 60 anos	100ml	50ml	100ml	50m1	

<sup>1</sup>Doses equivalentes a 400-500 mg de cafeína distribuídos por dia Fonte: ENCARNAÇÃO, R. de O.; LIMA, D. R. *Café e saúde humana*. Brasília: MAPA/CBPDC/Embrapa, 2003. 64 p. \*Fábio Luiz Partelli. Professor da Escola Agronomia e Engenharia de Alimentos da UFG, engenheiro agrônomo, doutor em Produção Vegetal. partelli@yahoo.com.br

## CONTRIBUINDO COM O DESENVOLVIMENTO REGIONAL



A UFG contribui com o desenvolvimento regional produzindo conhecimento. Ao aliar ensino de qualidade e incentivo à pesquisa, a Universidade Federal de Goiás está diretamente envolvida com o progresso da nossa região.

Os projetos de extensão integram pessoas de dentro e de fora da comunidade universitária. Alunos, professores e técnicos-administrativos levam a mais de dois milhões de cidadãos goianos os resultados do ensino e da pesquisa.

É esta a contribuição da UFG ao desenvolvimento de Goiás: formar cidadãos ativos e democratizar o acesso ao conhecimento para transformar a sociedade.

₩Ww.ufg.br

**UFG** 

## Tecnologia a favor da preservação do

## MEIO AMBIENTE

Programa de Monitoramento por Satélite do Bioma Cerrado, parceria entre governo federal, universidade e sociedade civil, utilizará sistema desenvolvido pelo Lapig/UFG

**Agnes Arato** 

Laboratório de Processamento de Imagens e Geoprocessamento da UFG, o Lapig/UFG, vinculado ao Instituto de Estudos Socioambientais (IESA), conduz há quatro anos um trabalho pioneiro de monitoramento do desmatamento do cerrado. Esse trabalho conta, desde o início do ano, com o apoio de duas organizações não governamentais - a Conservação Internacional (CI) e a The Nature Conservancy do Brasil (TNC Brasil). O monitoramento, realizado por meio do Sistema Integrado de Alertas de Desmatamento, o SIAD. sistema desenvolvido pelo Lapig/UFG, levantou uma série de dados entre 2003 e 2007 que ajudaram a traçar um panorama da destruição atual do cerrado. Como um trabalho dessa relevância não poderia ficar entre os muros da universidade, uma nova parceria, firmada no fim de setembro, entre UFG, Governo Federal, Ibama e as ONGs que já apóiam o Lapig prevê que esse sistema integre um programa de monitoramento sistemático do cerrado brasileiro.

O SIAD é um sistema criado originalmente para o monitoramento da região amazônica, que foi posteriormente adaptado para monitorar o cerrado. Segundo o coordenador do Lapig/UFG, Laerte Guimarães Ferreira, o SIAD analisa e compara imagens com resolução espacial de 250 metros, detectando automaticamente áreas de desmatamento no bioma. Essas imagens são obtidas pelo sensor MODIS, que está a bordo do satélite Terra, principal satélite da Nasa para observação terrestre. Depois de processados, os dados obtidos ficam disponíveis para consulta pública na página do Lapig na internet (www.lapig. iesa.ufg.br)

O monitoramento do Lapig aponta, por exemplo, que 45% do cerrado já foi convertido em pastagens, ou em terras utilizadas na agricultura. No período de coleta dos dados, de 2003 a 2007, o monitoramento apontou aproximadamente 18.900 km<sup>2</sup> novos desmatamentos, o equivalente a 1,9 milhão campos de futebol ou a 16 cidades do tamanho do Rio de Janeiro. "Se a extensão da área atingida já impressiona, o fato de que todo esse desmatamento (45% do cerrado) aconteceu somente nos últimos 30 anos impressiona ainda mais", diz o professor Laerte.

Porém, a missão dos parceiros não se esgota em apenas apontar no mapa onde estão as principais áreas de desmatamento no cerrado. A simples divulgação dos dados gerados pelo Lapig/UFG não

Assinatura do acordo de cooperação técnica para desenvolver ações conjuntas de monitoramento do cerrado

atinge os objetivos e expectativas do grupo. "Nós queremos entender quais são os padrões de ocupação, entender o que leva essas áreas a serem mais desmatadas, para que essa análise ajude na formulação de políticas públicas voltadas à preservação do cerrado, que leve a formas sustentáveis de exploração", diz o professor

O trabalho gerou recentemente uma nova parceria: no último dia 25 de setembro, o ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc, esteve em Goiânia para assinar um Protocolo de Intenções firmado entre Ministério do Meio Ambiente (MMA), Ibama, UFG, CI e TNC Brasil. O protocolo estabelece a assinatura, dentro do prazo máximo de 90 dias, de um acordo de cooperação técnica para o desenvolvimento de ações conjuntas de monitoramento do cerrado. Esse acordo tornará oficial o Programa de Monitoramento por Satélite do Bioma Cerrado. O monitoramento será feito pelo SIAD, para gerar, de forma sistemática, alertas de desmatamento que ajudem o governo a formular as estratégias e políticas de conservação desse bioma e manejo de sua biodiversidade.

Ao menos essa é a expectativa do Lapig. Segundo o professor Laerte, a intenção é ordenar o uso sustentável do bioma. Na verdade, essa parceria já começou. Ajudamos o Ministério do MeioAmbiente a formular uma proposta, enviada à Comissão Européia, para o monitoramento dos biomas extra-amazônicos, cujo foco principal é o cerrado. A expectativa é que esses dados não sejam utilizados apenas para fiscalização, mas para guiar a formulação de políticas públicas para a região que abriga o

Cobertura Natural

Cobertura antrópica

cerrado", afirma. Apesar do ritmo atual dos desmatamentos, o professor e otimista quanto ao fu-

sabia efetivamente que as coisas tinham um fim. Eu brinco que o século XXI começou efetivamente no ano passado, quando foram divulgados os dados do IPCC [Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas], mostrando que o clima mundial está efetivamente mudando. Vivemos um momento interessante, com uma sociedade mais informada, além de uma imprensa mais consciente das questões ambientais. Estamos no momento de fazermos escolhas. É claro que podemos fazer escolhas ruins novamente. Mas as de que nós precisamos avaliar melhor o uso dos recursos na-



